

A Revelação do Futuro

O capítulo 13 é um dos mais incomuns deste Relato do Evangelho. A singularidade de Marcos 13 reside em seu caráter profético detalhado. A maior parte do capítulo compõe-se da previsão de Jesus sobre a queda de Jerusalém. A última parte contém a breve profecia de Jesus sobre a Sua volta. Assim, a seção serve como uma espécie de complemento ou esclarecimento da profecia sobre a queda de Jerusalém. Jesus separou a queda de Jerusalém de Sua segunda vinda, porém os discípulos, inicialmente, atrelavam esses eventos um ao outro.

Esta seção das Escrituras tem sido usada por religiosos centrados no fim dos tempos, que buscam na Bíblia apoio para determinar um tempo específico para a segunda vinda de Cristo. Interpretar o capítulo 13 com essa abordagem é um erro. Jesus estava preparando Seus apóstolos e discípulos para o fim da grande cidade de Jerusalém. A queda da cidade seria uma das terríveis provações que eles teriam de enfrentar. O Mestre Jesus estava equipando Seus discípulos para isso.

Quem procura encontrar nesse capítulo a predição de “um arrebatamento” (seguido por um período de “tribulação”) como parte da segunda vinda de Cristo ficará desapontado. Esse falso ensino não aparece nas palavras de nosso Senhor. Uma interpretação justa e imparcial deste capítulo – juntamente com os relatos paralelos em Mateus 24 e Lucas 21 – deve admitir que Jesus só mencionou sucintamente a Sua segunda vinda.

O estudante fiel deste capítulo há que fazer um uso preciso do contexto, observando com cuidado suas divisões inerentes, antes de tirar quaisquer conclusões. Essa abordagem é a única maneira sensata e racional de responder nossas perguntas sobre a natureza e o propósito dessa profecia.

A DESTRUIÇÃO DE JERUSALÉM (13:1, 2)¹

¹Ao sair Jesus do templo, disse-lhe um de seus discípulos: Mestre! Que pedras, que construções! ²Mas Jesus lhe disse: Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada.

Versículos 1 e 2. Aos olhos dos judeus, o templo tinha uma relevância eterna. Fazia mais de quarenta anos que Herodes mantinha seus construtores trabalhando no templo, na expectativa de que esse feito lhe rendesse o favor dos judeus. Ele não conseguiu obter o apoio deles, mas conseguiu embelezar o templo, tornando-o um dos mais belos edifícios do mundo antigo. Essa reconstrução teve início em 20–19 a.C.² Quando a ampliação foi concluída, o templo passou a ocupar uma área de cerca de trinta e cinco acres.³ A reforma foi feita sem interromper a execução dos sacrifícios e serviços durante esses longos anos. Os sacerdotes colocavam cortinas para que os construtores não vissem o interior dos lugares sagrados e para que os homens não espiassem profanamente os serviços do templo realizados diariamente.

Os “quarenta e seis anos” em João 2:20 se referem ao tempo percorrido desde o início da reconstrução do templo. Essa referência é um dos poucos indicadores específicos de tempo no Novo Testamento que podem ser correlacionados com a história registrada pelo historiador judeu, Flávio Josefo

¹ Os relatos paralelos estão em Mateus 24:1, 2 e Lucas 21:5, 6.

² Na literatura judaica, ainda ele é chamado de “O Segundo Templo”.

³ E. P. Sanders, *Judaism: Practice and Belief*, 63B CE–66 CE. Minneapolis: Fortress Press, 2016, p. 86.

(37–100 d.C.). Lucas 3:23 diz que Jesus tinha “cerca de trinta anos” quando iniciou Seu ministério. Isso significa que, transcorridos os quarenta e seis anos desde o início da reconstrução de Herodes (que foi em 20–19 a.C.), podemos chegar a uma data aproximada do início do ministério de Jesus. É razoável afirmar que Jesus iniciou Seu ministério por volta de 26 ou 27 d.C.

A reforma do templo só foi concluída em 64 d.C. Seis anos depois, no ano 70, o templo foi destruído. Em todos esses acontecimentos, vemos como Deus fez cumprir a Sua vontade encerrando o sistema de sacrifícios do Antigo Testamento e inaugurando a era cristã, em que o Seu Filho é honrado.

Anteriormente, Jesus havia explicado aos judeus que a casa deles ficaria “deserta” (Mateus 23:38), ou seja, o templo propriamente dito. O templo em si fazia parte do complexo do templo sobre o qual Jesus disse: **Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada** (13:2).

Parte da grandeza do templo devia-se ao tamanho das pedras, particularmente aquelas que compunham o muro externo ao redor do monte do templo, o qual se manteve em pé até hoje. Esse muro constitui o que é chamado de “Muro das Lamentações”. Ele faz parte do complexo do templo construído por Herodes quando ele ampliou a área. Nesse muro, os judeus podem ser vistos ainda hoje, particularmente no sábado e em outros dias sagrados, balançando as cabeças para frente e para trás enquanto oram. Eles escrevem orações em pedacinhos de papel e os enfiam nas fendas do muro. Essa imensa parede contém pedras de quase um metro e meio de altura, sendo que algumas têm mais de três metros e meio de comprimento. “A maioria de suas pedras pesam entre duas a cinco toneladas cada”, e as maiores chegam a “quase quatrocentas toneladas!”⁴ Flávio Josefo disse que o templo em si tinha pedras quarenta e cinco côvados de comprimento, cinco côvados de altura, e seis côvados de largura.⁵

Lucas 21:5 diz que o templo “estava ornado de belas pedras e de dádivas”. Herodes havia contratado artesãos para decorar a área ampliada com

uma videira dourada cheia de cachos tão grandes quanto o corpo de um homem.⁶ Agripa I expunha no templo uma corrente de ouro.⁷ Juntamente com todas as outras informações que Flávio Josefo forneceu sobre o templo, ele falou também das riquezas que adornavam as vestes sacerdotais; elas eram enfeitadas com joias, coroas douradas e botões semelhantes a pequenos escudos.⁸

O templo, nesse tempo, provavelmente exibia mais riqueza do que qualquer outro templo do mundo. Era um edifício magnífico “de mármore branco, [com] a frente oriental coberta de placas de ouro, que refletiam os raios do sol nascente”⁹ e faziam todo o edifício parecer que vinha diretamente de Deus.

Todo espectador se maravilhava com a glória insuperável do templo. Não é de surpreender que os discípulos de Cristo tenham dito: **Mestre! Que pedras, que construções!** (13:1). Todo judeu ficava deslumbrado com a grandiosidade desse edifício notável. Os judeus tinham um ditado: “Quem nunca viu Jerusalém em seu esplendor nunca viu uma cidade desejável em sua vida. Quem não viu o templo em sua construção completa nunca viu um edifício glorioso em sua vida”.¹⁰

Na época de Jesus, o orgulho da antiga aliança estava centrado no templo e em Jerusalém, a “cidade santa”. Quando a antiga aliança foi cumprida, o templo terreno tornou-se inútil e começou a “desaparecer”. Falando a respeito da nova aliança de Deus com o Seu povo, Hebreus 8:13b diz: “Ora, aquilo que se torna antiquado e envelhecido está prestes a desaparecer”. Conhecendo as predições sobre o futuro do templo, os discípulos não deveriam se orgulhar tanto dele. Após a destruição do templo, Jerusalém perdeu a honra de ser o local aprovado para se oferecer sacrifícios em Israel.

Uma lição importante e singular, proveniente da história e também desse texto bíblico, é que Deus já não quer um templo para ser usado na adoração a Ele. O propósito de todos os sacrifícios oferecidos ali cumpriu-se no sacrifício de Jesus. A Jerusalém física não tem significado para os cris-

⁴ Allen Black, *Mark*, The College Press NIV Commentary. Joplin, Mo.: College Press Publishing Co., 1995, p. 228.

⁵ Flávio Josefo, *Guerras* 5.5.6 [224]. Tem sido convencionalizado que o côvado usado na medição do templo corresponde a 20,67 polegadas, o “côvado real”, e não o côvado menor. (Leen Ritmeyer, “Locating the Original Temple Mount”, *Biblical Archaeological Review*. Março/Abril 1992, pp. 24–26.)

⁶ Flávio Josefo, *Guerras* 5.5.4 [210]; *Antiguidades* 15.11.3 [395].

⁷ Flávio Josefo, *Antiguidades* 19.6.1 [294].

⁸ Flávio Josefo, *Guerras* 5.5.7 [231–35].

⁹ John B. Graybill, “Temple” em *The Zondervan Pictorial Bible Dictionary*, ed. Merrill C. Tenney. Grand Rapids, Mich.: Zondervan Publishing House, 1963, p. 834. Essa descrição foi feita por Josefo, *Guerras* 5.5.6 [222].

¹⁰ Talmude Babilônico, *Sukkah* 51b.

tãos (Gálatas 4:25, 26), porque temos a Jerusalém “que desce do céu” (Apocalipse 3:12; veja Hebreus 12:22), figurando a igreja do Senhor.

Devemos aprender a confiar em Deus, não em edifícios físicos; pois eles não são a igreja. Por causa do sangue de Jesus, a igreja é o novo templo de Deus, o corpo espiritual de Cristo constituído pelo povo remido da terra e do céu (veja 1 Coríntios 3:16, 17; 6:19).

De acordo com Lucas 19:41–44, Jesus já havia chorado pela cidade de Jerusalém e havia advertido as pessoas ao Seu redor a respeito do que aconteceria:

Quando ia chegando, vendo a cidade, chorou e dizia: Ah! Se conheceras por ti mesma, ainda hoje, o que é devido à paz! Mas isto está agora oculto aos teus olhos. Pois sobre ti virão dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e, por todos os lados, te apertarão o cerco; e te arrasarão e aos teus filhos dentro de ti; não deixarão em ti pedra sobre pedra, porque não reconheceste a oportunidade da tua visita.

Nessas últimas horas antes da crucificação, Jesus lamentou pela cidade (Mateus 23:36–39). Ele se dirigiu aos ouvintes como “a presente geração” que contemplaria a destruição do templo:

Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração.

Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! Quantas vezes quis eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes! Eis que a vossa casa vos ficará deserta. Declaro-vos, pois, que, desde agora, já não me vereis, até que venhais a dizer:

Bendito o que vem em nome do Senhor!

Os discípulos mal podiam crer no que estavam ouvindo, pois certamente pensavam que o templo permaneceria para sempre. Pode-se ganhar o mundo quando se possui um prédio com uma belíssima arquitetura, mas nada resta quando se perde a alma, rejeitando Jesus (veja Mateus 16:26). Muitos homens acumularam vastos tesouros, vindo, contudo, a perceber, no fim de suas vidas, que esses tesouros pouco significam.

OS VÁRIOS SINAIS (13:3–23)

As Perguntas dos Discípulos (13:3, 4)¹¹

³No monte das Oliveiras, defronte do templo,

¹¹ Os relatos paralelos estão em Mateus 24:3 e Lucas 21:7.

achava-se Jesus assentado, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular: ⁴Dize-nos quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se.

A resposta de Jesus à pergunta dos apóstolos sobre o templo os confundiu. Um ou dois dias antes, Jesus havia purificado o templo, chamando-o de “casa de oração para todas as nações”. Ele também havia citado uma passagem bíblica em que Deus se referia ao templo como “a minha casa” (Marcos 11:17; “a casa de Deus”; veja Mateus 21:13). Os apóstolos possivelmente criam que a única coisa que poderia ocasionar a destruição do templo seria o fim dos tempos e a volta do Senhor em Sua grande manifestação de glória como o Governante divino.

Versículos 3 e 4. No monte das Oliveiras, defronte do templo, achava-se Jesus assentado, quando Pedro, Tiago, João e André lhe perguntaram em particular. Quantas perguntas os apóstolos fizeram a Jesus? J. W. McGarvey extraiu quatro perguntas de Marcos 13:3 e 4¹²:

Quando o templo será destruído?

Que sinais antecederão a destruição?

Qual será o sinal da Sua vinda?

Qual será o sinal do fim do mundo?

No entanto, na mente dos discípulos, parecia haver apenas duas perguntas intrigantes. A primeira foi: **Quando sucederão estas coisas** [isto é, os eventos que resultarão na destruição do templo]? A segunda evidentemente foi: **que sinal haverá quando todas elas** [“estas coisas”] **estiverem para cumprir-se?**

Essas perguntas implicam que eles sabiam que Jesus poderia lhes dizer exatamente o que aconteceria ao templo num futuro próximo. Eles estavam igualmente convictos de que Jesus sabia tudo o que aconteceria no fim do mundo. Viam em Jesus um Profeta sabedor de todas as coisas e onisciente.

Após o primeiro Pentecostes depois da cruz, os apóstolos não fizeram mais as perguntas de Marcos 13. Assim que receberam o batismo no Espírito passaram a enxergar a natureza espiritual do reino de Cristo por meio das revelações divinas que lhes

¹² Adaptado de J. W. McGarvey e Philip Y. Pendleton, *The Fourfold Gospel or A Harmony of the Four Gospels*. Cincinnati: Standard Publishing Co., 1914, pp. 620–21.

foram dadas. Deus permitiu um tempo de transição para que o sistema judaico fosse eliminado gradativamente, à medida que cessava o período do Antigo Testamento. Foi isso que aconteceu com a destruição do templo pelo general Tito e o exército romano no ano 70 d.C. “Deus usou [a destruição do templo] para marcar o ‘fim dos tempos’ de Suas interações com os judeus como Seu povo escolhido e especial.”¹³

Com essa destruição de Jerusalém, as linhagens das tribos se perderiam e o sacerdócio levítico cessaria. Por esse motivo, tentar restaurar o templo seria inútil e impossível. Anteriormente, os judeus preservavam abundantes registros de seus ancestrais, que retrocediam até Adão. Quando Lucas escreveu sua genealogia de Jesus, os judeus podiam verificar as informações; isso devia fazer parte do objetivo de Lucas (veja Lucas 3:23–38).¹⁴

Alguns comentaristas argumentam que Jesus misturou as respostas às perguntas dos discípulos em 13:4, atribuindo aos símbolos um papel duplo – aplicando-os tanto à queda de Jerusalém quanto à Sua segunda vinda. Se seguirmos essa corrente de interpretação, o discurso de Jesus será um amontoado de sinais sem significado discernível. A confusão, porém, reside no palpite desses comentaristas, e não no que Jesus realmente disse. É incorreto reformular o discurso de Jesus fazendo com que os eventos profetizados que antecederão a queda de Jerusalém sejam também símbolos do fim dos tempos e afirmando que os sofrimentos dessa grande tribulação se repetirão de uma forma muito mais severa. Jesus nunca disse isso, tampouco existem provas reais que confirmem a possibilidade dessa ideia.

Se esse palpite do uso duplo dos símbolos estivesse correto, os sinais da queda de Jerusalém voltariam a acontecer no fim dos tempos, prenunciando a segunda vinda de Jesus. Isso significaria que eles serviriam como “sinais da segunda vinda”, mas isso seria incongruente com o que Jesus disse depois, quando alegou que não haverá sinais. Quando falou da destruição do templo em 13:1–23, Jesus não disse nada sobre a Sua vinda

ou o fim do mundo.¹⁵ O assunto da segunda vinda de Cristo só é introduzido mais adiante, em 13:32, quando Jesus mencionou “aquele dia”, isto é, o dia do juízo: “Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai” (13:32).¹⁶ A hora exata desse “dia” (veja Mateus 7:21–23) não podia ser predita porque nem mesmo o próprio Senhor sabia quando isso aconteceria. Paulo e Pedro também disseram que Jesus virá “como ladrão de noite” (1 Tessalonicenses 5:2; veja 2 Pedro 3:10).

No relato apresentado em Mateus, a resposta de Jesus à pergunta sobre o fim dos tempos começa em 24:34. “Aquele dia” em 24:36 refere-se ao fim dos tempos, ao passo que a expressão anterior, “naqueles dias” (Mateus 24:19, 22, 29), refere-se à iminente destruição de Jerusalém¹⁷, que seria antecédida e sucedida por “tempos difíceis” (veja 2 Timóteo 3:1).

Os Sinais Antecedentes (13:5–13)¹⁸

Falsos Cristos (13:5, 6)

5Então, Jesus passou a dizer-lhes: Vede que ninguém vos engane. 6Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu; e enganarão a muitos.

Versículos 5 e 6. Quando Jesus começou a enumerar os “sinais”, Ele disse: **Vede que ninguém vos engane. Muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu; e enganarão a muitos.** Temos pouca informação de fontes extrabíblicas sobre esses “falsos Cristos” do primeiro século. Os movimentos desses enganadores duraram pouco tempo, e eles não deixaram instituições estabelecidas; por isso não há registros históricos conhecidos a respeito deles.

Josefo falou de certos homens que convenceram alguns judeus a segui-los antes da queda de Jerusalém.¹⁹ Um Teudas e um Judas, citados por

¹³ Stafford North, *Armageddon Again?: A Reply to Hal Lindsey*. Oklahoma City: Oklahoma Christian University of Science and Arts, 1991, p. 42.

¹⁴ Sem dúvida, Mateus e Lucas usaram as genealogias porque sabiam que as listas poderiam ser verificadas nos registros judaicos. Depois do ano 70 d.C., isso já não era possível. (Veja Mateus 1; Lucas 3.)

¹⁵ Veja os comentários sobre 13:24–27. Algumas versões contêm o subtítulo “A Vota de Cristo” antes do versículo 24. (Compare Mateus 24; Marcos 13; e Lucas 21.)

¹⁶ É possível que quando voltasse para o céu, Jesus ficaria sabendo quando seria o juízo final. Paulo ensinou que Deus “estabeleceu um dia” (Atos 17:31), quando o mundo será julgado.

¹⁷ Muitos aplicam Mateus 24:29–31 à segunda vinda de Jesus.

¹⁸ Os relatos paralelos estão em Mateus 24:4–9, 13, 14 e Lucas 21:8–19.

¹⁹ Flávio Josefo, *Antiguidades* 20.5.1 [97–98]; 20.8.6, 10 [167–70, 188]; *Guerras* 2.13.4–5 [559–63].

Gamaliel em Atos 5:33–37, evidentemente alegavam ser o Messias, mas suas campanhas não perduraram. Certo movimento teve início quando Judas instou os judeus a se revoltarem contra os impostos romanos.²⁰ Talvez outro “falso Messias” tenha sido o “egípcio” mencionado em Atos 21:38.²¹ Provavelmente, outros “falsos cristos” de que não temos registros surgiram durante esse período.

O último “falso Cristo” da era da igreja primitiva conhecido na história foi Bar Kokba (“Filho da Estrela”), cuja revolta contra Roma data de 132–135 d.C. Ele fingiu ser aquele cuja vinda foi predita por uma estrela em Números 24:17:

Vê-lo-ei, mas não agora;
contemplá-lo-ei,
mas não de perto;
uma estrela procederá de Jacó,
de Israel subirá um cetro ...

Ele foi decapitado pelos romanos em 135 d.C. Seu movimento, embora bastante conhecido durante seu auge, logo se desfez.

As doutrinas de alguns falsos mestres que surgiram logo após o ministério de Cristo permaneceram no mundo por algum tempo; outras logo foram esquecidas. Os falsos Messias dos quais temos informações se enquadram exatamente na profecia que Jesus fez sobre eles. A fidelidade de Jesus ao profetizar é inquestionável.

Guerras (13:7, 8a)

⁷Quando, porém, ouvirdes falar de guerras e rumores de guerras, não vos assusteis; é necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim. ^{8a}Porque se levantará nação contra nação, e reino, contra reino.

Versículos 7 e 8a. A situação agravante em Jerusalém não significava que os seguidores de Jesus devessem fugir e deixar Jerusalém imediatamente. Nesses tempos instáveis, era comum ver **se levantar nação contra nação** (13:8a).

Jesus disse que haveria **guerras e rumores de guerras** (13:7a). Essa profecia alertava sobre as guerras que afetariam os judeus e Jerusalém. Já ocorreu uma multiplicidade de guerras em outros períodos além do primeiro século. Por exemplo, na

Europa ocorreram trezentas guerras entre 1600 e 1980. Certamente, a quantidade de guerras no primeiro século não ultrapassou esse número; mas no breve período entre 33 e 69 d.C., ocorreram várias guerras.

Os judeus do primeiro século seriam ameaçados em pelo menos três guerras instigadas pelos imperadores. Além disso, naqueles dias, três conhecidas revoltas dos gentios foram devastadoras para os judeus. Milhares de judeus pereceram nelas.²² Esses seriam sinais “antecedentes”, que ocorreriam antes, mas não imediatamente antes da queda de Jerusalém. Ao falar dos sinais, Jesus disse: **É necessário assim acontecer, mas ainda não é o fim** (13:7c, d).

A famosa *Pax Romana* (a paz romana) não duraria para sempre. A respeito dos acontecimentos ocorridos em 70 d.C., a história testemunha que as profecias de Jesus cumpriram-se na íntegra. Houve um período crítico em 69 d.C., quando quatro imperadores diferentes subiram ao poder numa rápida sucessão. Ao mesmo tempo, os romanos conquistaram uma cidade após a outra na Galileia.

Terremotos e Fomes (13:8b)

^{8b}Haverá terremotos em vários lugares e também fomes. Estas coisas são o princípio das dores.

Versículo 8b. Parece que nenhum século teve mais **terremotos** do que o primeiro século d.C. Um deles atingiu Creta em 46–47 d.C., e outro atingiu Roma, no dia em que Nero assumiu a toga (51 d.C.).²³ Outro ocorreu em Laodiceia (61 d.C.) e mais outro em Pompeia (62 ou 63 d.C.). Todos foram seriíssimos. D. H. Kallner-Amiran, em sua documentação de atividade sísmica na Palestina, enumerou quatro terremotos ocorridos durante esse período.²⁴

Em relação à **fome**, Suetônio (ca. 69–122 d.C.)²⁵ e Tácito (ca. 56–120 d.C.)²⁶ mencionaram uma importante fome em Roma, provavelmente, a fome predita por Ágabo em Atos 11:28, a qual ocorreu durante o reinado de Cláudio nos anos 50 d.C. “To-

²² McGarvey e Pendleton, p. 622.

²³ A cerimônia da “toga” era um ritual de passagem no qual um jovem romano era reconhecido como maior de idade, tornando-se um homem.

²⁴ D. H. Kallner-Amiran, “A Revised Earthquake-Catalogue of Palestine,” *Israel Exploration Journal* 1 (1950–51): 225.

²⁵ Suetônio, *Doze Césares* 5.18.

²⁶ Tácito, *Anais* 12.43.

²⁰ Flávio Josefo, *Antiguidades* 18.1.1 [4].

²¹ Flávio Josefo, *Guerras* 2.13.5 [261–63].

dos esses sinais são mencionados por escritores incrédulos, como Flávio Josefo, Tácito e Suetônio... que os citam devido à sua magnitude, sem referência alguma à profecia de Cristo.”²⁷

Esses sinais não marcariam o fim. Eles eram só **o princípio das dores**, isto é, “trampolins que levam ao alvo final”.²⁸ Seriam sinais da queda de Jerusalém, e não do fim do mundo. Jesus explicou que esses terremotos seriam só “o princípio” do fim dos tempos para Jerusalém e o templo, pois serviriam de preliminares aos sinais “próximos” à destruição.

É estranho que muitos hoje considerem guerras, terremotos, fomes e falsos Cristos como indicadores de que o fim dos tempos está próximo, quando Jesus disse especificamente que esses sinais eram avisos, mas que eles “ainda” (13:7) não seriam o fim – isto é, a queda de Jerusalém. Guerras, terremotos, fome e falsos Cristos foram usados para preparar os discípulos para a queda de Jerusalém. Quando se trata de princípios da verdade, as aplicações são inúmeras, porém, uma profecia específica aponta para um único cumprimento por ela profetizado. É possível provar que todos esses acontecimentos preditos já ocorreram antes da queda de Jerusalém em 70 d.C. Esses sinais não foram preditos com referência à segunda vinda de Cristo.

Perseguição e ódio (13:9–13)

⁹Estai vós de sobreaviso, porque vos entregarão aos tribunais e às sinagogas; sereis açoitados, e vos farão comparecer à presença de governadores e reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho. ¹⁰Mas é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações. ¹¹Quando, pois, vos levarem e vos entregarem, não vos preocupeis com o que haveis de dizer, mas o que vos for concedido naquela hora, isso falai; porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo. ¹²Um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão. ¹³Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo.

Versículos 9 e 10. A essa altura do Seu discurso,

²⁷ McGarvey e Pendleton, p. 622.

²⁸ William Hendriksen, *Comentário do Novo Testamento, Exposição do Evangelho de Marcos*. Trad. Elias Dantas. São Paulo: Ed. Cultura Cristã, 2003, p. 655.

Jesus fez uma grande advertência aos apóstolos: **Estai vós de sobreaviso, porque vos entregarão aos tribunais e às sinagogas; sereis açoitados, e vos farão comparecer à presença de governadores e reis, por minha causa, para lhes servir de testemunho** (13:9). Qual é o motivo dessa admoestação? Jesus estava deixando claro que muitos dos presentes viveriam para ver a realização dos acontecimentos que Ele acabara de profetizar. O evangelho tinha de ser pregado a “governadores” e “reis” e “todas as nações” (13:10) antes da queda de Jerusalém. Se esse aviso fosse para os dias de hoje, Jesus não teria afirmado: **Mas é necessário que primeiro o evangelho seja pregado a todas as nações** (13:10).

Em Mateus 24:9a, Jesus disse: “Então, sereis atribulados, e vos matarão”. Esse aviso ecoava uma declaração que Jesus fizera anteriormente aos doze: “E acautelai-vos dos homens; porque vos entregarão aos tribunais e vos açoitarão nas suas sinagogas; por minha causa sereis levados à presença de governadores e de reis, para lhes servir de testemunho, a eles e aos gentios” (Mateus 10:17, 18).

O Livro de Atos testifica as muitas vezes em que os apóstolos e outros discípulos foram levados a comparecer perante diferentes governantes. A palavra traduzida por “tribunais” (13:9b) é *συνέδριον* (*sunedrion*), a palavra grega para “sinédrio”. Os líderes cristãos foram muitas vezes levados perante o alto tribunal legislativo do judaísmo. Normalmente, quando os primeiros cristãos fizeram suas defesas perante autoridades, eles usaram o cristianismo como sua defesa. Quantos governantes ouviram a Palavra de Deus e o básico do cristianismo, não temos como saber.

É evidente que os judeus e as autoridades romanas perseguiram os cristãos por onde quer que fossem. Os judeus perseguiram extensivamente os cristãos (Atos 8:1–3), e houve ainda mais perseguição dos gentios por vários anos.

Paulo se defendeu diante de governadores e reis, como Félix, Festo e Herodes Agripa. Quando compareceu perante Festo, exigiu o seu direito de apelar para César. Festo disse-lhe em Atos 25:12: “Paulo, não temas! É preciso que compareças perante César, e eis que Deus, por sua graça, te deu todos quantos navegam contigo” (Atos 27:24). Ele compareceu perante César antes do ano 70 d.C. e talvez tenha sido absolvido.

Registros como os fornecidos por Tácito mostram mais perseguições aos cristãos comandadas

por Nero.²⁹ A severa perseguição de Nero aos santos em Roma ocorreu nos anos 60 d.C. Nos anos 90, a rejeição do culto a César foi uma das razões das prolongadas perseguições aos cristãos pelas autoridades romanas.³⁰ Também há relatos de perseguições registrados por Plínio.³¹ A perseguição de Cláudio aos judeus em 49 d.C. também incluiu a expulsão dos cristãos de Roma (Atos 18:2).

De fato, Jesus acrescentou que haveria perseguições como um sinal inequívoco da destruição final da nação judaica. Essa intensa perseguição, porém, não destruiu a igreja. De certa forma, ela fez a igreja crescer. Tertuliano (160–220 d.C.) disse a seus torturadores: “Continuai a, zelosamente... nos matar, nos torturar, nos condenar, nos reduzir a pó; vossa injustiça é a prova de que somos inocentes ... Quanto mais vezes somos abatidos por vós, mais aumentamos em número; o sangue dos cristãos é a semente”.³² Tempos de perseguição podem produzir um tipo de crescimento de outra forma impossível.

Sempre surge perseguição quando indivíduos e autoridades se opõem ao avanço da verdade de Deus. Essas perseguições separaram os cristãos fiéis dos cristãos indecisos e hipócritas. A perseguição sempre confrontará os cristãos. Ela com certeza acontece nos dias atuais. Os historiadores afirmam que no século XX morreram mais pessoas por crer em Cristo do que em todos os séculos anteriores juntos.

As profecias de Jesus sobre perseguição não constituíam um aviso da destruição imediata de Jerusalém, mas elas de fato prepararam Seus seguidores para os sinais “próximos” que estavam por vir. Os anos iniciais da igreja seriam turbulentos.

O elemento surpreendente na predição do Senhor é que “o fim”³³ viria somente depois que o evangelho fosse pregado a “todas as nações” (13:10; Mateus 24:14). Isso aconteceu no primeiro século? Sim, aconteceu! Paulo afirmou isso em Co-

lossenses 1:5, 6 e 23. No entanto, expressões como “todo o mundo” e “toda a criação” podiam se referir somente ao mundo romano, como sugere Lucas 2:1 ao dizer que “todo o mundo” (ERC) deveria se alistar no censo. O evangelho foi pregado a todos da mesma forma que “todo” o povo da Judeia foi batizado por João. (Sabemos que alguns fariseus e intérpretes da lei não fizeram parte desse “todo”; veja Marcos 1:5; Lucas 7:30.)

A tensão da perseguição pode surgir em qualquer período da história, mas esses sinais se cumpriram antes da queda de Jerusalém. Não restou nenhuma profecia desta seção a se cumprir nos dias de hoje.

Versículo 11. Jesus usou repetidamente os pronomes “vós/vos” neste versículo. Ele estava falando diretamente com Seus apóstolos, que falariam inspirados pelo Espírito Santo, quando este fosse derramado sobre eles. A promessa de serem guiados pelo Espírito também foi registrada em Marcos 16:17, 18, 20 e Lucas 24:49. Jesus assegurou a Seus apóstolos que Ele jamais os abandonaria. O Espírito também lhes daria poderes miraculosos e o conhecimento que fosse necessário.

Não devemos aplicar a promessa de 13:11 aos dias de hoje, pois isso significaria que Deus fala diretamente conosco nos revelando o que dizer, como foi prometido aos apóstolos: **Quando, pois, vos levarem e vos entregarem, não vos preocupeis com o que haveis de dizer, mas o que vos for concedido naquela hora, isso falai; porque não sois vós os que falais, mas o Espírito Santo.** Isso se harmoniza com o que Jesus lhes havia dito anteriormente: “E, quando vos entregarem, não cuideis em como ou o que haveis de falar, porque, naquela hora, vos será concedido o que haveis de dizer, visto que não sois vós os que falais, mas o Espírito de vosso Pai é quem fala em vós” (Mateus 10:19, 20).

Essa promessa de serem guiados pelo Espírito não deve ser usada como desculpa para pregadores negligenciarem o estudo da Palavra de Deus antes de pregá-la. A revelação direta de Deus foi uma promessa exclusiva na primeira comissão dada aos doze. Outras passagens esclarecem quando os apóstolos receberiam os poderes do Espírito para pregar e ensinar a verdade a todo o mundo (veja Marcos 16:20; Atos 1:8).

Se um discípulo fosse preso ou encarcerado, ele não deveria confiar num plano de defesa humano, baseado numa “tentativa hipócrita de omi-

²⁹ Tácito, *Anais* 15.38–44.

³⁰ W. M. Ramsay documentou a perseguição de Roma aos cristãos e as várias razões disso. (W. M. Ramsay, *The Church in the Roman Empire Before A.D. 170*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1954.)

³¹ Plínio, *Epístolas* 10.96.

³² Tertuliano, *Apologia* 50.

³³ Warren W. Wiersbe contestou que “o ‘fim’ aqui significa ‘o fim dos tempos’, o período de tribulação” (Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento*, vol. I. Trad. Susana E. Klassen. Santo André, SP: Geográfica Editora, 2006, p. 201). Simplesmente não há evidências que apoiem essa opinião.

tir ou dissimular”.³⁴ A capacidade de discernir era um dom cedido no batismo do Espírito Santo que os apóstolos receberam em Atos 2:1–4. Vemos um cumprimento parcial dessa promessa no intrépido discurso de Pedro perante o sinédrio:

Então, Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse: Autoridades do povo e anciãos, visto que hoje somos interrogados a propósito do benefício feito a um homem enfermo e do modo por que foi curado, tomai conhecimento, vós todos e todo o povo de Israel ... (Ato 4:8–10).

O tipo de autoridade divina com a qual Jesus falava seria concedido aos apóstolos pelo Espírito no dia de Pentecostes. Em Lucas 21:15, Jesus disse: “porque eu vos darei boca e sabedoria a que não poderão resistir, nem contradizer todos quantos se vos opuserem”.

O contexto total de Lucas 21:14–19 é a instrução de Jesus para que os apóstolos não se preocupassem com o que diriam quando fossem levados perante algum juiz. Entre os exemplos de discursos guiados pelo Espírito a adversários podemos citar o de Estêvão perante o sinédrio judaico (Atos 7) e o testemunho de Paulo perante o governador Félix e o rei Agripa (Atos 24 e 26). Paulo, por meio do Espírito, proferiu esta impressionante conclusão ao rei Agripa:

Mas, alcançando socorro de Deus, permaneço até ao dia de hoje, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, nada dizendo, senão o que os profetas e Moisés disseram haver de acontecer, isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios (Atos 26:22, 23).

Se o governador Festo tivesse mais integridade e coragem, ele evidentemente poderia ter confessado Jesus como Senhor; mas ele adiou sua decisão. Na presença de um procurador e de dezenas de oficiais de Roma, a pressão era demais para ele se declarar seguidor do Messias.

Versículo 12. Jesus disse que, no meio da perseguição que sobreviria, **um irmão entregará à morte outro irmão, e o pai, ao filho; filhos haverá que se levantarão contra os progenitores e os matarão.** Nada mais trágico poderia acontecer do que condenar os pais por uma acusação que resulta em perseguição e morte. O Império Romano tinha informantes que traíam suas próprias famílias, resul-

tando em castigo e morte. Jesus sabia que isso iria acontecer (veja Mateus 10:34–36). Apesar de tudo isso, nada – nem mesmo o inferno – prevaleceria contra a igreja (Mateus 16:18). Nem a perseguição nem a morte têm esse poder.

Versículo 13. Jesus disse que os cristãos seriam **odiados de todos.** Aparentemente, essa profecia não se aplica a todo cristão fiel, nem significa que os cristãos começariam a se odiar. “Odiados de todos” evidentemente significa “odiado pela maioria”. Essa é outra afirmação que tem uma amplitude figurativa, como em Mateus 3:5 e 6. Refere-se a muitas e não a todas as pessoas. Às vezes, “todos” significa a opinião popular ou da maioria; “todos” nem sempre significa literalmente “todos”.

Por que os cristãos seriam tão odiados? Eles eram um grupo exclusivo, que só cria num Salvador: Jesus. “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos” (Atos 4:12).

No segundo século, Tácito e Suetônio se referiram à fé dos cristãos como uma “superstição prejudicial”.³⁵ Os santos fiéis não jurariam lealdade a César como “Senhor”. Eles não o confessariam como um deus, por isso seriam considerados antipatriotas. Num sentido, isso era verdade pois tinham uma lealdade superior (Filipenses 3:20). Os pagãos também os odiavam e os chamavam de “ateus” porque não tinham deuses visíveis. Por outro lado, os cristãos eram os melhores cidadãos, pois obedeciam a todas as leis, exceto aquelas que violavam as leis de Deus (Romanos 13:1–6; Atos 5:29).

A perseverança citada em Marcos 13:13b é evidentemente equivalente à fidelidade mencionada em Apocalipse 2:10 (ou seja, permanecer fiel mesmo que isso resulte em morrer pela fé): **aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo.** “Perseverar” (ὑπομένω, *hupomenō*) significa “manter uma crença ou um curso de ação diante de oposição”; quem persevera “permanece firme”.³⁶ O sofrimento provou ser a sina dos apóstolos. Qualquer um que desobedecesse às instruções de Jesus, ficando em Jerusalém quando visse o cumprimento dos sinais de aviso, estaria demonstrando falta de perseverança. Isso indicaria pouca fé nas ins-

³⁵ Tácito, *Anais* 15.44; Suetônio, *Doze Césares* 16.2.

³⁶ Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 3a. ed., rev. e ed. Frederick William Danker. Chicago: University of Chicago Press, 2000, p. 1039.

³⁴ McGarvey e Pendleton, p. 318.

truções de Cristo, e as consequências temporárias dessa desobediência seriam horripantes.

Não se deve distorcer essa passagem para que signifique que quem para de perseverar nunca foi um cristão autêntico. O texto de Marcos não afirma nem deixa implícita essa ideia, a qual constitui uma deturpação do ensino de Jesus. Sem dúvida, alguns verdadeiramente se converteram a Cristo permitiram que os cuidados do mundo sufocassem o poder da Palavra (veja Lucas 8:13, 14).

Os Sinais “Próximos” (13:14–23)

“O Abominável da Desolação” (13:14–16)³⁷

¹⁴Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar (quem lê entenda), então, os que estiverem na Judeia fujam para os montes; ¹⁵quem estiver em cima, no eirado, não desça nem entre para tirar da sua casa alguma coisa; ¹⁶e o que estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa.

Versículo 14. A exortação **quem lê entenda** chamava cada leitor do primeiro século a prestar toda a atenção para compreender o que Jesus estava dizendo.

O **abominável da desolação** era uma alusão aos feitos de Antíoco Epifânio em 165 a.C. Esse governante perverso obrigou os judeus a oferecerem porcos no altar de Deus dentro do templo.³⁸ Nesse contexto, Jesus estava usando a mesma expressão para advertir os cristãos que estivessem **na Judeia a fugir para os montes** quando vissem o sinal, pois Jerusalém estaria prestes a ser destruída.

Lucas 21:20 explica que o “abominável da desolação” significava o tempo em que Jerusalém seria “sitiada de exércitos”. Isso indicaria que a desolação estava próxima e que era hora de todos que cressem na profecia de Cristo partirem dali, fugindo dos soldados romanos que se aproximavam para destruir Jerusalém. A destruição seria permitida por Deus porque muitos judeus tinham se recusado a aceitar que Jesus era o Messias.

A expressão “abominável da desolação” (βδελυγμα τῆς ἐρημώσεως, *bdelugma tēs erēmōseōs*) ocorre nas profecias de Daniel 9:27; 11:31 e 12:11.

³⁷ Mateus 24:15–22 é estritamente paralelo a Marcos 13:14–20 (veja Lucas 21:20–24).

³⁸ Essa designação aparece em Daniel 11:31 e 12:11, e uma referência à “abominação” de Antíoco é feita em 1 Macabeus 6:7.

Essa terminologia foi devidamente aplicada aos romanos porque a entrada de exércitos pagãos em Jerusalém seria uma abominação para todos os judeus.³⁹ Os estandartes romanos tinham imagens de César que constituíam idolatria na visão dos judeus; portanto, já era uma blasfêmia tê-los perto do templo.

Este exército estaria **situado onde não deve estar**, o que deve se referir ao “lugar santo”: “Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo ...” (Mateus 24:15; grifo meu). “Lugar santo” e “Santo dos Santos” são designações para partes do templo judaico (Hebreus 9:2, 3). No entanto, as palavras em Mateus 24:15, ἐν τόπῳ ἁγίῳ (*em topō hagiō*), significam literalmente “em um lugar santo”. Para o povo judeu, “lugar santo” também significava sua cidade e os arredores, e não somente o templo em si. Jerusalém era e ainda é chamada de “cidade santa” (veja Mateus 4:5). O templo também é descrito em outras passagens como “o lugar santo” (veja Atos 6:13; 21:28).

O corpo do cristão individual é “um templo do Espírito Santo” (1 Coríntios 6:19) e toda a igreja, a igreja universal, é “uma nação santa” (1 Pedro 2:9), o templo sagrado segundo o Novo Testamento (1 Coríntios 3:17).⁴⁰ Além disso, a designação “lugar santo” pode ser usada simbolicamente para o próprio céu, o lugar para o qual Jesus voltou após oferecer Seu sangue em sacrifício por nós (Hebreus 9:12, 24, 25).

O historiador cristão Eusébio (ca. 263–339 d.C.) relatou que o povo de Deus entendeu o sinal da cidade sendo sitiada por exércitos e fugiu: “Todo o corpo... da igreja em Jerusalém, orientado por uma revelação divina... antes da guerra, retirou-se da cidade e habitou numa certa cidade além do Jordão, chamada Pela”.⁴¹ Eusébio poderia estar dizendo que os cristãos receberam outra revelação, como as proferidas por Ágabo e outros profetas (Atos 11:28; 21:10, 11). É possível que o Senhor tenha revelado detalhes adicionais aos líderes (profetas e apóstolos) da igreja em Jerusalém.

³⁹ “O abominável da desolação” foi interpretado por Flávio Josefo como tendo o mesmo significado aqui atribuído por Jesus Josefo disse: “Daniel também escreveu sobre o governo romano, e que nosso país deveria ser desolado por eles” (Flávio Josefo, *Antiguidades* 10.11.7 [276]).

⁴⁰ Primeira Coríntios 3:17 diz: “Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá; porque o santuário de Deus, que sois vós, é sagrado”.

⁴¹ Eusébio, *História Eclesiástica* 3.5.

O sinal do cerco a Jerusalém certamente já era do conhecimento de todos os cristãos da cidade mediante o ensino dos apóstolos, bem antes do início da guerra em 66 d.C. Flávio Josefo referiu-se à fuga dos cristãos desta maneira: “Muitos dentre os mais eminentes judeus nadaram para longe da cidade, como de um navio prestes a afundar”.⁴² Na verdade, os romanos só entraram no templo perto da fase final do cerco. A essa altura, já não haveria oportunidade para os cristãos fugirem.

Em todo o contexto de Marcos 13, Jesus deixou claro que estava falando da fuga de Jerusalém, e não de uma “tribulação” no fim do mundo (13:19; veja Mateus 24:21, 29). Deslocar os acontecimentos próximos à queda de Jerusalém para o fim dos tempos faz com que o entendimento normal das Escrituras seja deturpado.⁴³ Warren W. Wiersbe alegou que Marcos 13:14 se aplica a uma dupla de “parênteses”, um “intervalo” entre os eventos da queda da cidade e da “grande tribulação”.⁴⁴ Ao falar do “abominável da desolação”, Jesus se referia a eventos que aconteceriam no primeiro século, e não em um século posterior.

No entanto, muitos têm interpretado erroneamente o texto. Tentando encontrar sinais da segunda vinda nessa passagem, dizem que os eventos relativos à queda de Jerusalém em 70 d.C. têm uma aplicação diferente e conclusiva numa futura e grande tribulação, que se dará com a vinda do anticristo, no fim da era cristã. Essa ideia está ligada a Daniel 9:25 e 26, onde a palavra hebraica para “príncipe” (נָגִיד, *nagid*) encontra-se ao lado da palavra para “Messias” (מָשִׁיחַ, *Mashiach*). Essa locução deveria ser interpretada como “Messias, o Príncipe” ou, como no Novo Testamento, “Cristo”. Ele “faria expiação” e traria “justiça eterna” (Daniel 9:24). Wiersbe, porém, interpretou-a como um “anticristo” ainda vindouro e, figuradamente, conferiu-lhe também o papel da “besta” de Apocalipse 13 e 14.⁴⁵ Esse entendimento não condiz com uma interpretação apurada das Escrituras.

O Novo Testamento não faz menção a um anticristo vindo no último dia, de uma grande tribulação perto do fim dos tempos, nem de um

arrebatamento temporário ou um reinado de mil anos de Cristo na terra. Antes, na noite anterior à Sua morte, Jesus ensinou aos apóstolos que em breve Ele já “não estaria no mundo” (João 17:11). Ele estaria com Seus seguidores em espírito, mas não retornaria à terra na forma corpórea. Sua permanência na terra chegara ao fim.

Versículos 15 e 16. Quando chegou a hora de fugir de Jerusalém, os cristãos deveriam deixar seus bens para trás. As instruções de Jesus eram claras: **Quem estiver em cima, no eirado, não desça nem entre para tirar da sua casa alguma coisa; e o que estiver no campo não volte atrás para buscar a sua capa.** Muitos refugiados em tempos de guerra acabam deixando que seus pertences e bens os impeçam de partir, e permitam que sejam pegos pelo exército inimigo. Quem viajasse com uma bagagem leve escaparia de Jerusalém com mais facilidade. De que valor teriam as posses terrenas quando a própria vida estava em perigo?

Os cristãos fugiram da cidade; mas os judeus incrédulos se apinharam dentro da cidade, pensando que estavam fugindo de soldados saqueadores.⁴⁶ Os que estivessem no eirado, isto é, telhado, eram pessoas que dormiam ali em noites quentes. Os telhados planos eram acessíveis por escadas externas, de maneira que quem estivesse ali poderia fugir sem ter de voltar para o interior da casa.⁴⁷ Aqueles que trabalhassem “no campo” não teriam tempo para pegar suas roupas.

Com a destruição de Jerusalém, o templo como o verdadeiro lugar para se adorar a Deus chegou ao fim. A queda “pôs fim a 2000 anos da favorecida posição dos descendentes de Abraão e veio a ser o acontecimento mais incomparável e inigualável do plano de Deus para a história” do Seu povo.⁴⁸

Os Dias Abreviados Por Causa dos Eleitos (13:17–20)⁴⁹

¹⁷Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! ¹⁸Orai para que isso não suceda no inverno. ¹⁹Porque aqueles dias serão

⁴⁶ Eusébio, *História Eclesiástica* 3.5. Josefo falou detalhadamente das péssimas condições e dos acontecimentos. (Flávio Josefo, *Guerras* 5.10.1–4 [420–39].)

⁴⁷ Henry Barclay Swete, *Commentary on Mark*. Grand Rapids, Mich.: Kregel Publications, 1977, p. 306.

⁴⁸ L. A. Stauffer, *Mark, Truth Commentaries*, Guardian of Truth Foundation. Bowling Green, Ky.: Standard Publishing Co., 1999, p. 319.

⁴⁹ Os relatos paralelos estão em Mateus 24:19–22 e Lucas 21:23, 24.

⁴² Flávio Josefo, *Guerras* 2.20.1 [556].

⁴³ O uso indevido da expressão “grande tribulação” retirada de Mateus 24:21 tem servido para apoiar as doutrinas pré-milenistas sem as devidas provas.

⁴⁴ Warren W. Wiersbe, *Comentário Bíblico Expositivo: Novo Testamento*, vol. I. Trad. Susana E. Klassen. São André, SP: Geográfica Editora, 2007, p. 202.

⁴⁵ Ibid.

de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo, que Deus criou, até agora e nunca jamais haverá. ²⁰Não tivesse o Senhor abreviado aqueles dias, e ninguém se salvaria; mas, por causa dos eleitos que ele escolheu, abreviou tais dias.

Versículo 17. Quando os cristãos fugissem da cidade, a fuga seria agravada pelas difíceis circunstâncias. Para as mulheres que estivessem **grávidas** ou **amamentando**, seria especialmente estressante.

Versículo 18. Jesus aconselhou que **orassem** para que a fuga **não** sucedesse **no inverno**. Em Mateus 24:20, Jesus disse que Seus seguidores deveriam orar para que a fuga não ocorresse no inverno nem no sábado. O clima de inverno pode causar muitas dificuldades, e alguns hesitariam em viajar no sábado.

Deus poderia e controlaria o clima, se os cristãos orassem por força e socorro. Felizmente, a guerra começou em maio de 66 d.C.⁵⁰ O clima provavelmente estava bastante ameno quando chegou a hora de os fiéis fugirem da cidade. As orações de muitos certamente foram atendidas!

Versículo 19. No entanto, uma aflição gravíssima sobreviria. O sofrimento subsequente à queda de Jerusalém seria muito mais terrível. Seriam **dias de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo**. Flávio Josefo afirmou que, em questão de dias, o povo começou a perecer de fome, peste e ao fio da espada.⁵¹ Em relação à queda da cidade, ele disse: “Parece-me que as desgraças de todos os homens, desde o começo do mundo, se comparadas às dos judeus, não são tão terríveis quanto foram as deles”⁵² nessa ocasião.

Versículo 20. Para salvar os Seus **eleitos**, Deus **abreviou aqueles dias**. É maravilhoso contemplar o que Deus é capaz de fazer para proteger os Seus santos. Se Deus não tivesse abreviado esses dias, **ninguém se salvaria**. Deus nos torna um dos Seus “eleitos” quando obedecemos ao evangelho de Seu Filho. Segundo Tessalonicenses 2:13 e 14 diz que somos chamados através do evangelho:

Entretanto, devemos sempre dar graças a Deus por vós, irmãos amados pelo Senhor, porque Deus vos escolheu desde o princípio para a

salvação, pela santificação do Espírito e fé na verdade, para o que também vos chamou mediante o nosso evangelho, para alcançardes a glória de nosso Senhor Jesus Cristo.

Deus nos escolheu desde o “princípio”, mas como Ele nos chamou e nos elegeu para a santidade? O Espírito nos deu a oportunidade de desenvolver a fé (Romanos 10:17). Essa fé vem de ouvir o evangelho; ela não é obtida de nenhuma outra maneira.

Josefo relatou um fato estranho sobre o ataque dos romanos. Comandados pelo general Caio Céstio Galo, os exércitos tinham Jerusalém sob suas garras, porém declinaram “sem nenhuma razão”.⁵³ Essa retirada pode ter sido a resposta de Deus às orações dos discípulos (veja 13:18).

Quando os romanos retornaram, a cidade estava cheia de judeus que estavam ali para celebrar a Páscoa. A escassez de alimentos começou quase imediatamente. Alguns foram mortos pelos romanos por se rebelarem. Flávio Josefo afirmou que nenhuma “outra cidade jamais enfrentara tamanha miséria”.⁵⁴

Alguns acreditavam que Deus permitiu esse grande sofrimento sobre os judeus em consequência de terem rejeitado o Messias. O maior problema da cidade sitiada foi a divisão entre os próprios judeus. Josefo mencionou “três facções traidoras” e “guerra de todos os lados”, durante o período que antecedeu o ataque.⁵⁵

Tito se dispôs a demonstrar clemência e mostrou-se amigável para com os judeus. Ele conhecia bem a judia Bernice, irmã de Herodes Agripa. Mas ele não pôde dar seguimento à sua complacência devido à teimosia de muitos líderes da cidade e à amargura de seus soldados, que às vezes matabam contrariando suas ordens. Os judeus foram dominados por fanáticos que decidiram entregar a questão nas mãos de Deus, achando que estavam do lado dEle mais do que os romanos, e que, portanto, venceriam.

Falsos Cristos e Falsos Profetas (13:21–23)⁵⁶

21Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis; 22pois surgirão falsos cristos e falsos profetas, operando sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos.

⁵⁰ Paul L. Maier datou a inesperada retirada de Cesto Gálio em outubro de 66 d.C. (Josephus, *Josephus: The Essential Writings*, trad. e ed. Paul L. Maier. Grand Rapids, Mich.: Kregel Publications, 1988, p. 288.)

⁵¹ Flávio Josefo, *Guerras* 5.13.7 [571]; 6.3.4 [201–13].

⁵² Flávio Josefo, *Guerras*, Prefácio 4 [12].

⁵³ Flávio Josefo, *Guerras* 2.19.7 [540].

⁵⁴ Flávio Josefo, *Guerras* 5.10.5 [442].

⁵⁵ Flávio Josefo, *Guerras* 5.1.4 [21].

⁵⁶ O relato paralelo está em Mateus 24:23–25.

²³**Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito.**

Versículo 21. Jesus os advertiu: **Então, se alguém vos disser: Eis aqui o Cristo! Ou: Ei-lo ali! Não acrediteis.** “Então” (τότε, *tote*) é a primeira palavra deste versículo na versão ARA. O termo conecta a passagem com os acontecimentos anteriores. A referência anterior a falsos profetas (13:6) é indefinida quanto ao tempo; aqui, porém, há indicação de que alguns falsos mestres apareceriam pouco antes da fuga de Jerusalém.

Versículo 22. Jesus explicou a Seus seguidores: **Surgirão falsos cristos e falsos profetas.** Não nos surpreende o fato de não haver registro desses falsos profetas nos escritos de Josefo, pois ele falou muito pouco da igreja. Josefo mencionou, sim, vários rebeldes que causaram tumultos e incluiu uma breve seção sobre Jesus Cristo “e a tribo de cristãos, assim chamados segundo o seu líder”.⁵⁷ Entre os “Jesus” que Josefo mencionou, somente nesse caso ele usou o nome “cristão”, ou seja, os “chamados segundo o seu nome”. Josefo mostrou pouca preocupação com essa seita de judeus que, sem dúvida, pensava ele, logo desapareceria. Os “falsos cristos” que pereceram na destruição de Jerusalém não acarretariam consequências duradouras para os cristãos.

“Falsos cristos e falsos profetas” **operariam sinais e prodígios, para enganar, se possível, os próprios eleitos** antes da queda. Deus pode ter permitido a operação desses “prodígios” como um testemunho para aqueles que não queriam crer no único e verdadeiro Cristo. Segunda Tessalonicenses 2:10–12 nos dá a impactante notícia de que os que não cressem na verdade, Deus lhes permitiria sofrer a “operação do erro, para darem crédito à mentira”. Alguns contestam a ideia de Deus realmente endurecer o coração de alguém. Só uma das alternativas ocorre: ou a verdade humilha ou ela endurece o coração do ouvinte. Se amarmos e aceitarmos a verdade, seremos salvos; se ignorarmos ou rejeitarmos a verdade, ficaremos vulneráveis ao erro.

Quaisquer “sinais” ou “prodígios” advindos de “falsos cristos” ou “falsos profetas” certamente seriam de péssima qualidade, desprovidos de algum valor que sugerisse que eram de Deus. Vários

desses homens apareceram no início da era cristã (d.C.). Qualquer um que comparasse cuidadosamente as alegações desses acontecimentos com os milagres realizados por Cristo e pelos apóstolos facilmente veria a diferença e não seria convencido por eles (13:22, 23). Simão, o mágico, enganou muitos em Atos 8; e até o procônsul Sérgio Paulo, um homem inteligente, quase foi influenciado pelos sinais de Bar-Jesus (ou Elimas) em Atos 13:6–12.

Sabemos que, no dia do julgamento, muitos afirmarão que realizaram sinais milagrosos em nome de Jesus. E o Senhor terá de anunciar-lhes: “Nunca vos conheci” (Mateus 7:21–23). Alguns que assim se desviaram talvez estivessem vivos no momento da queda de Jerusalém. Eles podem ter sido iludidos pelo erro de não deixar a cidade quando viram “Jerusalém sitiada de exércitos” (Lucas 21:20), o que resultou em serem destruídos.

Versículo 23. Jesus instruiu Seus seguidores: **Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito.** Ele não queria que eles fossem enganados por sinais fraudulentos. Ele estaria à direita de Deus quando Jerusalém caísse. Deus usou outras nações para punir o antigo Israel; Ele não fez uma visita pessoal à cidade santa no momento de sua destruição.

Em Seu discurso aos discípulos, Jesus disse: “*Tudo* vos tenho predito” (grifo meu). Ele estava revelando aos discípulos tudo o que precisavam saber para evitar os eventos calamitosos que ocorreriam em menos de quarenta anos. Da mesma forma, Ele nos revelou através do Novo Testamento tudo o que precisamos saber para escapar das forças destruidoras do mundo. Foi isso que Pedro quis dizer em 2 Pedro 1:2 e 3: “...pelo Seu divino poder, nos têm sido doadas todas as coisas que conduzem à vida e à piedade, pelo conhecimento completo daquele que nos chamou para a Sua própria glória e virtude”. Judas exortou os cristãos: “...exortando-vos a batalhardes, diligentemente, pela fé que uma vez por todas foi entregue aos santos” (Judas 3). Só existe um único “sistema” de fé que pode salvar. Quando esse sistema é diluído ou alterado, leva à condenação e não à salvação. Muitos deixam de “batalhar, diligentemente, pela fé”.

“NAQUELES DIAS” (13:24–27)⁵⁸

²⁴**Mas, naqueles dias, após a referida tribu-**

⁵⁷ Ele mencionou Jesus como “um homem sábio, se for lícito chamá-lo de homem... um operador de maravilhas” (Flávio Josefo, *Antiguidades* 18.3.3 [63–64]). Referiu-se a Tiago como “o irmão de Jesus, o qual era chamado Cristo” (Flávio Josefo, *Antiguidades* 20.9.1 [200]).

⁵⁸ Os relatos paralelos estão em Mateus 24:29–31 e Lucas 21:25–28.

lação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, ²⁵as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados. ²⁶Então, verão o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória. ²⁷E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu.

Versículos 24 e 25. Existe uma explicação para esta passagem que se encaixa **naqueles dias, após a referida tribulação** (13:24a, b)? Forçá-la a se encaixar num suposto tempo após uma “grande tribulação” imaginária, no fim de nossa era – o que não é ensinado em Marcos 13 nem em qualquer outro relato do Evangelho – consiste num mau uso do texto. Essa passagem parece uma referência à segunda vinda, mas outro significado é inteiramente possível. Ela é apropriada para a linguagem utilizada, se entendermos a linguagem dos Profetas do Antigo Testamento.

As Escrituras fazem alusão a várias “vindas”. É útil examinar as passagens paralelas em Mateus 24 e Lucas 21. Por exemplo, Mateus 24:29 diz: “logo em seguida à tribulação daqueles dias”. Se os versículos anteriores se aplicassem à queda de Jerusalém em 70 d.C., então os eventos detalhados nessa passagem poderiam se referir a esse cronograma geral e não ao fim do mundo. Visto que há provas convincentes que indicam que o contexto é a queda de Jerusalém, as palavras “logo em seguida” e “daqueles dias” em Mateus 24:29 exigem que interpretemos a “vinda” em 24:27 num sentido apocalíptico e espiritual.

Albert Barnes concluiu que se trata de um simbolismo que denota um “grande tumulto e aflição entre o povo”.⁵⁹ Atribuir um sentido literal a essas expressões gera grande dificuldade e deturpa o significado de “logo em seguida” e “daqueles dias” em Mateus 24:29. Quando se aplica a expressão à queda de Jerusalém, o texto adquire caráter simbólico, como nos Profetas do Antigo Testamento.

Esse ponto de vista é possível. Ao ler que **o sol escurecerá e a lua não dará a sua claridade** (13:24c), as pessoas familiarizadas com a fraseologia do Antigo Testamento recordam passagens como Isaías 13:10, em que o fim da Babilônia como uma grande potência terrena foi descrito em termos semelhantes: “Porque as estrelas e constela-

ções dos céus não darão a sua luz; o sol, logo ao nascer, se escurecerá, e a lua não fará resplandecer a sua luz.” Expressões pitorescas como “as estrelas dos céus não darão a sua luz”, “o sol se escurecerá” e “a lua não fará resplandecer a sua luz” foram usadas pelos profetas da antiguidade para descrever a ação de Deus em causar a queda de uma cidade ou nação. Linguagem semelhante ocorre em Isaías 34:4 e 5 sobre a desgraça de Edom. Outras passagens, como Isaías 24:19–23, usam palavras semelhantes para o castigo que estava ocorrendo sobre Israel. **As estrelas cairão** em Marcos 13:25a. É uma imagem semelhante à usada na profecia da queda das nações em Isaías 13:10–13. Lucas 21:25 e 26 contém um comentário sobre o mar e as ondas rugindo como parte das imagens impactantes da destruição de Jerusalém. A destruição será tão grande que **os poderes dos céus serão abalados** (13:25b).

McGarvey hesitou em aceitar essa parte do discurso como uma descrição espiritual da queda de Jerusalém. Ele entendeu a passagem como uma inserção relativa à segunda vinda. Admitiu que a expressão “logo em seguida” em Mateus 24:29 era a maior dificuldade nessa linha de interpretação. Sugeriu que o “logo em seguida” deve ser visto como um encurtamento do tempo – tal como Deus vê o tempo.⁶⁰ Em outras palavras, na história espiritual do mundo, o próximo grande evento após a queda de Jerusalém seria o fim dos tempos. Assim, a locução “aqueles dias” em Marcos 13:24, quando comparado com “logo em seguida à tribulação daqueles dias” em Mateus 24:29, se referiria ao fim dos tempos.

Versículos 26 e 27. A próxima ideia desafiadora nesta passagem é: **Então, verão o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória.** Esse momento é chamado de “sinal do Filho do Homem” em Mateus 24:30a. No cumprimento das profecias de Jesus, a destruição de Jerusalém serviria como prova ou sinal evidente de que Ele também virá pessoalmente um dia. Os escritos dos profetas diziam que o Senhor viria quando trouxesse punição ao Seu povo por meio de uma grande calamidade (veja Amós 4:12c).

Barnes escreveu: “Na destruição de Jerusalém, o *sinal* ou *evidência* de Sua vinda deu-se no cumprimento dessas predições”.⁶¹ Tanto a destruição da

⁵⁹ Albert Barnes, *Notes on the New Testament: Matthew—Mark*. Grand Rapids, Mich.: Baker Book House, 1955, p. 259.

⁶⁰ J. W. McGarvey, *The New Testament Commentary*, vol. 1, *Matthew and Mark*. Des Moines: Eugene S. Smith, 1875, p. 210.

⁶¹ Barnes, p. 259.

cidade quanto o livramento dos discípulos foram realizados pela vinda simbólica do Senhor através de Seus anjos e pelo derramamento do Seu poder. Isso pode incluir o uso de homens e nações como instrumentos de punição. A preservação dos fiéis da conflagração que consumiu os judeus incrédulos foi, de fato, um sinal do poder protetor de nosso Senhor sobre os Seus santos.

A destruição de Jerusalém seria uma confirmação aos judeus de que “o Filho do Homem” tinha estado no meio deles. Se eles se recusassem a fazer o que Jesus havia ordenado, seriam consumidos ou entregues à escravidão assim que a cidade fosse destruída.

A vinda do Filho do Homem também é retratada em Mateus 16:28 e Marcos 9:1. Esses versículos não se referem à Sua segunda vinda, mas à vinda do Espírito, quando Jesus estabeleceu o Seu reino na terra. Somos compelidos a adotar essa visão imediatista por causa de Marcos 13:30, que diz que “todas essas coisas” aconteceriam à geração de pessoas que estavam ouvindo Jesus.

Ele enviará os anjos (13:27a). O termo “anjos” pode, portanto, ter um significado diferente do nosso entendimento comum de anjos. O termo ἄγγελος (*angelos*, “anjo”) é frequentemente usado nas Escrituras para “mensageiros”. Em Mateus 11:10, onde João Batista é chamado de “mensageiro”, a palavra é a mesma que para “anjo”. Essa mesma palavra é usada em Marcos 1:2 e Lucas 7:24, 27; 9:52.

O uso da palavra “anjos” aqui poderia significar apenas que Deus estava enviando Seus pregadores como mensageiros que preservariam os salvos quando o terrível sofrimento chegasse aos judeus. A expressão **dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu** (13:27c, d) pode simplesmente se referir àqueles que aceitariam a salvação onde quer que estivessem.

J. Marcellus Kik mostrou que o Ano do Jubileu, com o ressoar da trombeta (veja Mateus 24:31), prefigurava a vinda do evangelho para libertar a humanidade (Deuteronômio 30:4; Salmos 22:27; Isaías 45:22).⁶² A destruição de Jerusalém e do templo sinalizou o fim de uma dispensação e deu origem a uma nova nação em sua plenitude, o começo de um novo Israel composto de eleitos de todas as nações do mundo. “A mensagem da

salvação já não se restringia aos judeus. Os eleitos seriam, portanto, acrescentados dos quatro ventos, de uma extremidade do céu à outra.”⁶³

“Todos os povos da terra” em Mateus 24:30 pode ser uma expressão paralela altamente figurativa de “os seus escolhidos... da extremidade da terra até à extremidade do céu” (Marcos 13:27). “Povos” (φυλή, *fulē*) poderia referir-se a todos os judeus dispersos no mundo, em vez de todas as nações. Lucas 21:28 omite qualquer menção de “povos” e “terra”, enquanto se refere à aproximação da “redenção”. Provavelmente é uma alusão à salvação oferecida àqueles que abandonassem a lealdade ao templo e a Jerusalém e seguissem a Cristo.

O versículo 27 refere-se aos **seus escolhidos**, ao passo que a referência de Lucas em 21:35 é a “todos os que vivem sobre a face de toda a terra”. “Nações” (ἔθνος, *ethnos*) geralmente é uma referência aos gentios (veja Mateus 28:19). Quando “o Filho do Homem... reunir os Seus escolhidos” (Marcos 13:26, 27), Ele estará reunindo todos os que escolheram segui-LO.

A PARÁBOLA DA FIGUEIRA (13:28–31)⁶⁴

²⁸**Aprendeí, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam, e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão.** ²⁹**Assim, também vós: quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que está próximo, às portas.** ³⁰**Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça.** ³¹**Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.**

Versículos 28 e 29. Alguns entendem que a **parábola da figueira** significa que haverá indicações de que o Filho do Homem está prestes a voltar. Acreditam que esse momento será claramente bem identificado, assim como reconheciam que o verão estava próximo quando as folhas cresciam nas figueiras. Jesus disse: **Quando já os seus ramos se renovam, e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão.** Em Israel uma figueira só desenvolve folhas quando chega o calor. As folhas, portanto, eram uma indicação inequívoca de que o verão estava chegando.

Se essa visão estivesse correta, Kik estaria certo em traduzir o significado da parábola da seguinte

⁶³ Ibid., p. 80.

⁶⁴ Os relatos paralelos estão em Mateus 24:32–35 e Lucas 21:29–33.

⁶² J. Marcellus Kik, *Matthew Twenty-four: An Exposition*. Swengel, Pa.: Bible Truth Depot, 1948, pp. 77–79.

maneira:

Quando virem o sol escurecer, a lua não dar luz, as estrelas caírem, os poderes do céu abalados, o sinal do Filho do homem no céu, todos os povos lamentando, o Filho do homem vindo nas nuvens, o som de a trombeta, a reunião final dos escolhidos: quando virem todas estas coisas, saibam que está perto, de fato às portas.⁶⁵

No entanto, Kik prosseguiu comentando o seguinte sobre essa tradução: “Que insensato e ridículo é essa interpretação!”⁶⁶

Podemos imaginar Cristo dizendo aos discípulos: “Quando vocês virem as estrelas colidindo ao seu redor, isso servirá de sinal de que o fim está próximo”? De fato, nem haveria necessidade de um aviso, se tudo isso estivesse acontecendo. Os eventos finais já estariam em andamento e um “sinal” de aviso seria tarde demais. Kik acrescentou: “Se todos os eventos de [Mateus] 24:4–28 já ocorreram e se os versículos 29–31 já se cumpriram literalmente, a Segunda Vinda já teria passado!”⁶⁷ Essa interpretação tornaria inútil a parábola da figueira.

O “sinal” ou a “parábola da figueira” deve se referir à queda de Jerusalém, pois o ensino geral de 13:32 é que, na época em que Jesus estava falando, ninguém, exceto o Pai no céu, sabia o tempo de Sua segunda vinda. Não haverá sinais; “o dia do Senhor” virá de repente, “como ladrão de noite” (1 Tessalonicenses 5:2; veja Mateus 24:36–39).

Essa “figueira” nos remete à figueira mencionada em Marcos 11:13, 14 e 11:20, 21, que representava Israel e sua perda do favor de Deus. A destruição do templo judaico acentuaria a inauguração do reino de Cristo para o mundo gentílico. Além disso, a perda do templo dissuadiria os cristãos judeus de voltarem ao judaísmo. Embora os judeus estimassem seu templo, precisariam se concentrar nas palavras de Cristo sobre o futuro.

A aplicação da parábola é dada por Jesus em 13:29: **Assim, também vós: quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que está próximo, às portas.** Quando os sinais ocorressem, aqueles que confiavam nas palavras de Jesus saberiam que o fim da cidade estava próximo e que deveriam fugir.

Como deveria ser traduzida a frase “está próximo” (ἐγγύς ἐστιν, *engus estin*)? O sujeito da frase é “ele, o tempo” ou “Ele, Jesus”? A NIV, ARIB e

AS21 e BJC usam o pronome “ele”; a ARA, ARC e ACF mantêm o pronome oculto.

Nenhum substantivo específico é fornecido no texto original; portanto, é deixado ao intérprete determinar o antecedente. A versão inglesa *New American Standard Bible* coloca em inicial maiúscula “Ele”, significando que “Ele” é Jesus, ao passo que 13:30 reforça que a interpretação correta é “ele [o tempo]”, referindo-se a “esta geração”. No entanto, permanece a possibilidade de que “Ele” identifique a pessoa por trás da ação que em breve aconteceria. Em outras palavras, “Ele” poderia significar o Senhor, o qual estava “vindo” para punir os judeus.

Versículo 30. Jesus assegurou-lhes **que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça.** A palavra γενεα (*genea*) coerentemente significa “geração”. Qual é o significado de “geração”? Mateus 1:17 faz referência a “catorze gerações”, identificando as gerações na linhagem de Jesus. Em Marcos 13:30, a palavra deve significar as pessoas que estavam naquele momento na presença de Jesus ou a geração viva naquele momento (veja 8:38).

William Hendriksen definiu “esta geração” como “o povo judeu ...”⁶⁸ McGarvey comentou apropriadamente que seria um “mero truísmo” dizer que os judeus como nação não passariam até que tudo isso lhes acontecesse.⁶⁹ Deveria ser óbvio que “esta geração” se aplicava às pessoas que viviam naquela época, às pessoas com quem Jesus estava falando. A profecia predisse eventos que não estavam distantes, e a geração dos dias de Jesus os vivenciaria. “Esta geração” não pode se referir às pessoas vivas na época do fim do mundo.

Versículo 31. Uma das importantes razões da composição do Evangelho de Marcos foi revelar claramente que o antigo sistema estava desaparecendo (veja Hebreus 8:13). Mateus 24:4–35 refere-se à destruição de Jerusalém, e Jesus anunciou em Marcos 13:31: **Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão.** Mateus 24:30 fala do “sinal” do Filho do Homem nas nuvens. Este é um sinal de que a destruição de Jerusalém foi realmente obra do Senhor. É claro que Deus realizou essa destruição pelas mãos dos soldados romanos. A recusa do sol, da lua e das estrelas darem a sua luz deve ser uma forma figurada de declarar o poder e

⁶⁵ Kik, p. 83.

⁶⁶ Ibid.

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ Hendriksen, p. 670.

⁶⁹ McGarvey, *Commentary*, p. 212.

a glória do Senhor.

A aparição final de Jesus, Sua volta visível, não será um sinal; será a última demonstração de Sua glória. Marcos 13:33–37 e Mateus 24:36–25:46 falam da segunda vinda de Cristo. Quando isso acontecer, será o fim da o mundo e do tempo terreno. Para esse fim dos tempos, nenhum sinal foi dado. Marcos 13:30 afirma que a geração viva naquela época veria os sinais da queda de Jerusalém. A palavra “geração”, usada por Jesus, é sempre uma referência às pessoas vivas no mundo nos Seus dias.

A VOLTA DE JESUS E UMA ÚLTIMA ADMOESTAÇÃO (13:32–37)⁷⁰

Os ensinamentos que Jesus deu em 13:1–31 são muito específicos e os que Ele deu em 13:32–37 são mais gerais.⁷¹ Na primeira parte, Ele citou muitos sinais. Na segunda parte, não deu sinais explícitos. Na parte anterior da seção, Ele exortou Seus seguidores a fugirem de Jerusalém; na segunda ocorrência, não haveria tempo para fuga. Vemos uma espécie de julgamento sobre a terra no que diz respeito a Jerusalém, mas, a partir de 13:32, Jesus fala de um julgamento eterno⁷² (veja Mateus 24).

Nos dias de Noé, a vida seguia seu curso como sempre, quando, de repente, o dilúvio chegou. O mesmo acontecerá quando o Senhor vier. Não haverá possibilidade de fugir para os montes quando o Senhor voltar.

Na segunda vinda, todos os “santos” (todos os cristãos) que estiverem vivos serão repentinamente arrebatados ao Senhor nas nuvens (1 Tessalonicenses 4:17). A volta de Cristo é comparada à vinda de um ladrão durante a noite, pois ninguém sabe quando Jesus virá (Mateus 24:43; 1 Tessalonicenses 5:2; 2 Pedro 3:10). A transformação de nossos corpos físicos em espirituais deve ocorrer “num piscar de olhos” (1 Coríntios 15:51, 52); essa figura é usada para enfatizar a mudança repentina, imediata e surpreendente.

A Volta de Jesus (13:32, 33)

³²Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai.

⁷⁰ O relato paralelo está em Mateus 24:36.

⁷¹ Mateus 24:36–45 contém mais parábolas que ampliam o discurso e tornam mais vívida a Sua vinda.

⁷² Kik, p. 91.

³³Estai de sobreaviso, vigiai [e orai]; porque não sabeis quando será o tempo.

Versículo 32. Quando Jesus assumiu a forma de homem, Ele se limitou. Sabemos por este versículo que pelo menos Seu conhecimento era limitado. Ele disse o seguinte, a respeito do tempo exato da Sua volta: **Ninguém sabe; nem os anjos no céu, nem o Filho, senão o Pai.** Se Jesus não sabia enquanto estava na terra, exatamente quando voltaria, nenhum ser humano comum pode determinar por profecia o tempo da Sua volta. É óbvio que a profecia não foi escrita para nos informar esse fato, e “é nada menos que uma blasfêmia inquirir aquilo que até o nosso Senhor alegou desconhecer”.⁷³ Portanto, todo esforço para determinar o tempo de Sua vinda provou ser um fracasso. Tendo recebido toda a autoridade (Mateus 28:18), Jesus certamente agora tem esse conhecimento.

Marcos 13:32 mostra um contraste acentuado, como indica a conjunção mas no início do versículo. Assim se reforça a clara linha divisória entre o que é possível determinar sobre a queda de Jerusalém e o que é possível se saber sobre a segunda vinda. O **dia ou a hora** exata da queda de Jerusalém não seria óbvio com muita antecedência. Podemos confirmar ainda menos sobre a segunda vinda, pois nosso Senhor não deu sinais para indicar o tempo de Sua vinda.

Marcos 13:28–32 pode ser assim parafraseado: “O brotar da figueira indica a aproximação do verão, assim como os sinais indicariam a queda iminente de Jerusalém, mas quanto à segunda vinda, ninguém sabe quando acontecerá!”

Versículo 33. Os cristãos devem levar uma vida piedosa continuamente, pois não sabemos a hora da vinda de Jesus. Não **sabemos quando será o tempo.** Jesus instruiu: **Vigiai.** A NVI diz: “Fiquem atentos! Vigiem! Vocês não sabem quando virá esse tempo!” A *Bíblia de Jerusalém* diz: “Atenção e vigiai, pois não sabeis quando será o momento”.

Jesus exortou Seus ouvintes: “Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço” (Lucas 21:34). Muitos vivem com corações “sobrecarregados”, porque não têm fé na volta do

⁷³ William Barclay, *The Gospel of Mark*, 2nd ed., The Daily Study Bible. Filadelfia: Westminster Press, 1956, p. 336.

Senhor. William Barclay sugeriu uma visão apropriada dessa situação:

Vivemos na sombra da eternidade. Isso não é motivo para termos expectativas temerosas e histéricas. Mas significa que, dia após dia, nosso trabalho deve ser realizado e concluído. Isso significa que devemos viver de maneira a não importar quando Ele vai voltar. Isso nos confere a grande tarefa de tornar todos os dias adequados para vermos o Senhor e estarmos sempre prontos para encontrá-lo face a face. Assim, a vida se torna uma preparação para encontrar o Rei.⁷⁴

Sem sinais de alerta da segunda vinda, devemos esperar que as pessoas simplesmente estejam fazendo as coisas comuns nessa hora; e elas estarão. Mateus 24:36–44 fala das atividades regulares que estarão acontecendo quando Cristo voltar:

Mas a respeito daquele dia e hora ninguém sabe, nem os anjos dos céus, nem o Filho, senão o Pai. Pois assim como foi nos dias de Noé, também será a vinda do Filho do Homem. Porquanto, assim como nos dias anteriores ao dilúvio comiam e bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca, e não o perceberam, senão quando veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também a vinda do Filho do Homem. Então, dois estarão no campo, um será tomado, e deixado o outro; duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada, e deixada a outra. Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor. Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a sua casa. Por isso, ficai também vós apercebidos; porque, à hora em que não cuidais, o Filho do Homem virá.

Uma pergunta ressoa nesse texto para cada um de nós: “Estou pronto para encontrar Jesus?” Esquecer Deus e mergulhar nas coisas deste mundo é a coisa mais insensata que se pode fazer. Se vivermos continuamente nos lembrando do Senhor até o fim, esse encontro não será um terror para nós; mantenhamos a esperança de receber “a coroa da justiça” (2 Timóteo 4:8).

A Última Admoestação para Vigiar (13:34–37)

³⁴É como um homem que, ausentando-se do país, deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação, e ao porteiro ordena que vigie. ³⁵Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã; ³⁶para que, vin-

do ele inesperadamente, não vos ache dormindo.

³⁷O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai!

Versículos 34 e 35. Na ilustração de Jesus, o **porteiro** deveria sempre **vigiar**, caso o senhor voltasse de repente. Jesus certamente é aqui representado pelo homem que **se ausentou do país**; Jesus partiu para o céu e voltará. Antes do homem partir, ele deu **autoridade aos seus servos e a cada um a sua obrigação**. Cada servo de Cristo deve estar ativo na obra que lhe foi confiada quando o Senhor voltar. Jesus disse que os servos não sabiam quando o dono da casa viria, **se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã** (13:35). O significado para nós é que nosso Senhor pode vir a qualquer momento – em nossa juventude, início da idade adulta ou idade avançada. Devemos sempre estar ocupados trabalhando para Ele.

Versículo 36. Jesus disse que o dono da casa poderia **vir inesperadamente** e achá-los **dormindo**. Se Ele nos encontrar dormindo – isto é, não fazendo o que deveríamos estar fazendo – isso nos colocará numa terrível situação. Nosso Senhor pode vir de repente; devemos evitar que Ele nos encontre dormindo e despreparados. A preocupação dos primeiros cristãos com a volta do Senhor parece exceder em muito a nossa, mas ainda assim vivemos muito mais próximos da segunda vinda do que eles. Nestes dias de incerteza, deveríamos ter pelo menos o mesmo desejo igual de que Jesus volte e nos leve para estar com Ele no céu.

Versículo 37. Nessa admoestação para que **todos vigiem**, Jesus estabeleceu um contraste entre o que Ele já havia dito a Seus seguidores contemporâneos e a mensagem que Ele tem para nós hoje. Isso reforça o fato de que o que Ele havia dito anteriormente sobre os sinais se destinava aos cristãos judeus do primeiro século, enquanto a instrução para “vigiar” deve ser obedecida em todos os tempos. Sejam sempre vigilantes, mas não devemos nos entusiasmar a ponto de sermos levados pela loucura de predizer uma data para a segunda vinda de Jesus.

O que podemos afirmar é que a data do fim dos tempos é um segredo conhecido somente por Deus. Nosso Senhor deseja que continuemos executando nossas responsabilidades diárias de cuidar de nossas famílias, ensinar a Palavra e trabalhar regularmente. Alguns tessalonicenses, pensando que o Senhor voltaria logo, pararam de trabalhar (2 Tessalonicenses 2). Paulo mandou

⁷⁴ Ibid., p. 337.

que os cristãos fieis se apartassem de tais pessoas (2 Tessalonicenses 3:6). Vigiar não significa ficar olhando para as nuvens o dia todo. Significa ser fiel no serviço diário ao Senhor.

Paulo explicou isso com estas palavras: “Sede vigilantes, permaneço firmes na fé, portai-vos varonilmente, fortalecei-vos” (1 Coríntios 16:13). Estas palavras se assemelham às de um oficial comandando suas tropas para lutarem como homens corajosos, sabendo que o inimigo se aproxima rapidamente. Se tivéssemos certeza de que o fim estava muito próximo, provavelmente desistiríamos das atividades comuns da vida. Como não sabemos disso, devemos continuar nossas atividades diárias; no entanto, devemos viver todos os dias à espera da Sua vinda.

Num sentido espiritual, o santo fiel vê a vinda do Senhor em todos os acontecimentos deste mundo. Sempre que a justiça triunfa sobre o mal, vemos que Cristo está próximo. Sempre podemos ter certeza de que “o Senhor está próximo” (Filipenses 4:5b); neste instante, Ele está nos vigiando. Na segunda vinda, toda a justiça será feita e todos os erros serão corrigidos.

⇒ MEDITAÇÕES EM MARCOS 13 ⇐

Jesus e o Futuro (13:1–4)

A narrativa registrada em Marcos 13, geralmente chamada de “O Discurso das Oliveiras”, contém as profecias de nosso Senhor a respeito da queda de Jerusalém e do fim dos tempos. Esse discurso aparece de diferentes formas em todos os Evangelhos Sinópticos (veja Mateus 24:4–42; Lucas 21:8–36).

Quando Jesus estava saindo dos pátios exteriores do templo, onde esteve durante os acontecimentos iniciados em 11:27⁷⁵, um discípulo chamou-Lhe a atenção para a incrível beleza do templo (13:1). Esse discípulo pode ter falado como representante de todo o grupo, pois Mateus 24:1 diz que “seus discípulos” falaram com Ele sobre a glória do templo. Esse comentário deu a Jesus a oportunidade de falar da destruição do templo e do fim dos tempos.

Jesus disse que o templo seria destruído, de maneira que “não ficar[ia] pedra sobre pedra, que não fosse derribada” (Marcos 13:2b). Esse aviso, sem dúvida, impactou os discípulos. Certamente

pensaram ser uma referência ao fim dos tempos.

Mais tarde, quando Jesus estava assentado “no monte das Oliveiras, defronte do templo, Pedro, Tiago, João e André Lhe perguntaram em particular: ‘Dize-nos quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se’” (13:3, 4; veja Mateus 24:3; Lucas 21:7). Nesta entrevista particular, os discípulos fizeram, com efeito, um total de quatro perguntas. Na indagação sobre “estas coisas”, eles queriam saber: “Quando o templo seria destruído?”; “Quais seriam os sinais da Sua vinda?”; “Quando chegaria o fim do mundo?” e “Quais seriam os sinais do fim dos tempos?” Os discípulos pareciam crer que todos esses acontecimentos seriam simultâneos e que Jesus estava falando sobre o fim dos tempos. Dentre os Relatos do Evangelho, Mateus é o único que registra a pergunta sobre a volta de Jesus incluída no que Seus seguidores Lhe perguntaram.

Embora Marcos 13 seja um capítulo difícil, é bastante claro que a pergunta sobre o templo é a primeira respondida por Jesus. Ele só falou do fim dos tempos na última parte do discurso.

Essa exposição sobre a queda de Jerusalém e a volta de Jesus contém um componente compassivo. A predição de Cristo sobre o futuro mostra não só que tempos trágicos estavam chegando, mas também que Jesus tinha uma grande preocupação com Seus seguidores. Ele os sustentaria no presente e no futuro. O que mais esse discurso nos diz sobre Jesus?

1. *Jesus é o Cristo da profecia.* Quando tentado, Ele é visto como o homem perfeito e, na transfiguração, como o último porta-voz de Deus. Além disso, o capítulo 13 retrata Jesus como o profeta fiel. Ele proferiu três tipos de profecias sobre Jerusalém. Fez uma profecia específica sobre a queda de Jerusalém, uma profecia figurada sobre a queda de Jerusalém e a segunda vinda, e uma profecia geral sobre o fim dos tempos.

Como podemos ver, o capítulo 13 é preeminentemente profético. A descrição de Jesus do que aconteceria com Jerusalém foi preditiva, e o que Ele disse sobre o fim dos tempos naturalmente assumiu a forma de profecia. Ao olharmos para a predição de Jesus do ponto de vista vantajoso do nosso século na história, podemos ver facilmente que Suas profecias sobre a queda de Jerusalém não falharam. Tudo o que Ele disse aconteceu, até os mínimos detalhes.

O discurso no monte das Oliveiras não só re-

⁷⁵ Veja 11:27—12:40; Mateus 21:23—23:39; Lucas 20:1–47.

trata Jesus como *um profeta*, mas também confirma que Ele é o *Profeta*, o maior e mais fiel representante de Deus que já andou nesta terra. Ele tinha um caráter, uma personalidade e um modo de ser impecáveis.

As profecias de Jesus nos confortam e abrem nossos olhos para o rumo da história. Os discípulos de Jesus nunca são deixados sem instrução. Nem sempre podemos ver a pista, mas estamos sempre conscientes da direção a trilha vai. Se viajarmos bem atrás do nosso Guia, tudo ficará bem; para o nosso guia é a trilha.

2. *Nosso Salvador é o Cristo da preparação*. Ele preparou Seus apóstolos e, através deles, Seus outros discípulos, para o futuro. O Cristo onipotente vê o futuro, com suas agonias e glórias. Ele nos guia através dele e nos prepara com antecedência.

Marcos 13 é uma profecia que prepararia o povo de Deus para o que estava por vir. Não temos evidências de que algum discípulo fiel tenha morrido quando Jerusalém foi destruída. Flávio Josefo disse que mais de um milhão de judeus foram mortos quando o general Tito destruiu Jerusalém.⁷⁶ Os discípulos de Jesus levaram a sério Seu aviso; muitos fugiram para Pela e ali encontraram segurança.

A vida de Cristo poderia ser resumida pela palavra “preparação”. Grande parte do ensino público de Jesus visou treinar Seus discípulos para exercerem o papel de cidadãos do reino vindouro e darem continuidade ao trabalho após a Sua partida. João 13—17 retrata Jesus preparando Seus apóstolos para as provas que os confrontariam durante os dias sombrios entre Sua morte e ressurreição. Jesus nunca deixa Seus discípulos despreparados.

3. *Nosso Senhor é o Cristo da proteção*. A mensagem que Jesus proferiu ofereceu a Seus discípulos a proteção de que precisariam quando Jerusalém caísse. A temática de todo o discurso de Jesus é que Ele tem um refúgio para o Seu povo. Esse refúgio não é uma fortaleza física feita de pedra e cimento; é o que Suas palavras e garantias trazem. Jesus disse: “Passará o céu e a terra, porém as Minhas palavras não passarão” (13:31). E recomendou aos apóstolos: “Estai vós de sobreaviso; tudo vos tenho predito” (13:23).

Quando andamos de acordo com as palavras de Cristo, mesmo enfrentando todo tipo de prova-

ção, estamos seguros na confiança de que Ele está conosco. Cristo cumprirá todas as promessas que fez. Não há refúgio mais forte do que aquele que Cristo prometeu em relação às Suas palavras.

Conclusão: Guardemos no coração esse retrato de Jesus. O discurso das Oliveiras mostra que Ele é o Cristo da profecia, o Cristo da preparação e o Cristo da proteção.

A segurança que Jesus ofereceu reside na obediência. Jesus prometeu: “Eu sou a videira, vós, os ramos. Quem permanece em Mim, e Eu, nele, esse dá muito fruto; porque sem Mim nada podeis fazer” (João 15:5). Permanecer nEle e as Suas palavras permanecerem em nós é a mesma coisa. Em João 15:7, Jesus disse: “Se permanecerdes em Mim, e as Minhas palavras permanecerem em vós, pedireis o que quiserdes, e vos será feito”. Suas palavras só habitam em nós quando as valorizamos e lhes obedecemos. Jesus também disse:

Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço. Tenho-vos dito estas coisas para que o meu gozo esteja em vós, e o vosso gozo seja completo (João 15:10, 11).

Quem não gostaria de servir a um Cristo como esse? Ele conhece o futuro e quer nos guiar. Ele está bem ciente do que enfrentaremos e deseja que estejamos prontos para suportar essas provas.

Quando Jesus Voltar (13:24–27)

A breve passagem de Marcos 13:24–27 é particularmente difícil. Um dos versículos-chaves do capítulo 13 diz: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça” (13:30). Esse versículo divide o capítulo em duas partes: a primeira parte diz respeito principalmente à queda de Jerusalém, e a segunda parte diz respeito à segunda vinda de Cristo.

Quando os discípulos de Jesus deixaram o templo com Ele, perguntaram-lhe: “Dize-nos quando sucederão estas coisas, e que sinal haverá quando todas elas estiverem para cumprir-se” (13:4). Certamente pensaram que a pergunta era sobre um único acontecimento. Na mente dos discípulos, a queda de Jerusalém era comparável ao fim dos tempos. Possivelmente, criam que que Jerusalém era a cidade eterna, não podendo ser destruída enquanto não chegasse o fim dos tempos.

Em Sua resposta, o nosso Senhor falou de dois eventos diferentes: a queda de Jerusalém e o fim

⁷⁶ Flávio Josefo, *Guerras* 6.9.3 [420].

dos tempos ou a segunda vinda. É possível afirmarmos que o texto que precede 13:30 fornece detalhes da queda de Jerusalém (com uma única e pequena exceção), enquanto as descrições após 13:30 retratam a volta de Jesus no fim dos tempos.

Precedendo 13:30, a passagem que estamos analisando (13:24–27) levanta dúvida sobre tratar-se da queda de Jerusalém ou da segunda vinda de Jesus. Ou esse trecho é uma caracterização altamente figurada da queda de Jerusalém, ou é uma inserção no texto da descrição da volta de Cristo. Tudo indica que esta segunda alternativa constitui o entendimento mais preciso da passagem à luz de duas expressões que Jesus usou. A primeira expressão – “naqueles dias, após a referida tribulação” em 13:24 – parece apontar para o próximo evento, dentro do calendário divino e após a queda de Jerusalém, que mudaria o mundo. Essa interpretação exige que nos lembremos de um fato: “para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos, como um dia” (2 Pedro 3:8). A segunda expressão retrata os anjos vindo para “reunir os seus escolhidos dos quatro ventos” (13:27b), o que parece referir-se ao fim dos tempos.

Há também bons argumentos para a corrente interpretativa de que 13:24–27 descreve figuradamente a queda de Jerusalém, mas as evidências parecem apontar para o “fim dos tempos”. Se esta passagem é uma referência à segunda vinda inserida no meio da exposição de Jesus sobre os sinais da queda de Jerusalém, então deve descrever o fim dos tempos. Quais são as principais características dessa descrição? Devemos ter certeza de confirmar cada aspecto com outras passagens bíblicas que tratam claramente o fim dos tempos.

1. *A vinda de Jesus será um momento de devastação.* Jesus disse: “Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados” (13:24, 25).

Pedro descreveu o fim com termos cataclísmicos semelhantes: “Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas” (2 Pedro 3:10). E acrescentou:

Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão (2 Pedro 3:11, 12).

À luz da transformação que haverá na terra, devemos lembrar que este mundo não é o nosso lar. Quando Jesus vier, seremos levados para o nosso novo lar eterno. Segundo Pedro, “nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça” (2 Pedro 3:13).

2. *Será um momento de revelação.* Jesus disse: “Então, verá o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória” (Marcos 13:26; grifo meu). Mais tarde, Jesus revelou: “Quando vier o Filho do Homem na sua majestade e todos os anjos com ele, então, se assentará no trono da sua glória” (Mateus 25:31). Paulo escreveu: “quando do céu se manifestar o Senhor Jesus com os anjos do seu poder, em chama de fogo, tomando vingança contra os que não conhecem a Deus e contra os que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus” (2 Tessalonicenses 1:7, 8). E também anunciou: “Porquanto o Senhor mesmo, dada a Sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descenderá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (1 Tessalonicenses 4:16). Além disso, João revelou em Apocalipse: “Eis que vem com as nuvens, e todo olho o verá, até quantos o traspassaram. E todas as tribos da terra se lamentarão sobre ele” (Apocalipse 1:7).

Juntos, esses textos formam uma imagem composta mais ou menos assim: quando Jesus voltar, Ele virá em toda a Sua glória, cercado por Seus poderosos anjos. Ele virá com as nuvens, e algumas delas estarão em chamas, ressaltando a Sua glória. Todo olho contemplará a Sua vinda; até aqueles que presenciaram a Sua crucificação o contemplarão.

A vinda de Jesus será um alívio para os santos que lutaram fielmente contra o Maligno, e será uma hora de julgamento para aqueles que rejeitaram ou não viveram de acordo com o evangelho gerado pela morte de Jesus e confirmado por Sua ressurreição.

3. *A vinda de Jesus será um momento de salvação.* Jesus disse: “E ele enviará os anjos e reunirá os seus escolhidos dos quatro ventos, da extremidade da terra até à extremidade do céu” (13:27).

Uma das razões para Jesus estar voltando é para levar Seus discípulos à glória eterna. Quando Ele vier, os servos do Senhor serão “arrebataados juntamente com eles, entre nuvens, para o encontro do Senhor nos ares, e, assim, estaremos para sempre com o Senhor” (1 Tessalonicenses 4:17). Jesus reunirá Seus santos para glorificá-los. No último dia do mundo, Ele virá “para ser glorificado

nos seus santos e ser admirado em todos os que creram, naquele dia (porquanto foi crido entre vós o nosso testemunho)” (2 Tessalonicenses 1:10).

Podemos dizer: “...a nossa salvação está, agora, mais perto do que quando no princípio cremos. Vai alta a noite, e vem chegando o dia. Deixemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz” (Romanos 13:11b, 12a). No entanto, quando Jesus dividir os céus com a glória da Sua revelação, diremos: “Agora a salvação chegou; nossa fé se concretizou. A noite se foi e o dia da salvação chegou”. Que dia glorioso será esse!

Conclusão: A volta de Jesus irá transcender tudo o que já vimos. O reaparecimento do Senhor será o maior evento de todos os tempos. Será a consumação da Sua morte na cruz por todos os seres humanos, o cumprimento do eterno propósito de Deus e o clímax do tempo terreno.

Uma das últimas promessas de Jesus encontra-se em João 14:2c e 3: “Pois vou preparar-vos lugar. E, quando eu for e vos preparar lugar, voltarei e vos receberei para mim mesmo, para que, onde eu estou, estejais vós também”. Esta é uma promessa de Jesus mui preciosa, e não há dúvida de que Ele a cumprirá.

Estamos vivendo no período entre as duas vindas do Senhor à terra. A primeira é um fato histórico e a segunda, é uma profecia. A segunda vinda é tão certa quanto o primeiro advento. Aquele que veio prometeu voltar. Quem ousaria negar a fidelidade de nosso Salvador? Embora dois mil anos já tenham se passado desde que a promessa do Senhor foi feita, ela é tão confiável agora quanto no momento que Ele a fez.

Podemos adaptar Apocalipse 22:20 apropriadamente da seguinte maneira: “Jesus, o Cristo, Aquele que dá testemunho destas coisas, diz: ‘Sim, venho rapidamente’. Em resposta à palavra do Mestre, Seus discípulos dizem: ‘Amém. Vem, Senhor Jesus’”.

A Parábola da Figueira (13:28–31)

Ao concluir a profecia da queda de Jerusalém, Jesus exortou Seus discípulos com uma lição sobre uma figueira. Disse Ele: “Aprendeí, pois, a parábola da figueira” (13:28a). A figueira tinha uma mensagem para eles, mas, para isso, precisavam discerni-la e fazer a devida aplicação.

A visão de uma figueira frutífera era um cenário conhecido na Palestina. Ela provia frutos saudáveis para muitas famílias. Quem não entendia a

função e o ciclo de vida dessa árvore simplesmente ignorava os princípios agrícolas básicos comumente conhecidos no mundo do primeiro século.

Jesus concluiu com maestria Seu testemunho profético aos discípulos, enfatizando a importância de dar ouvidos ao que Ele lhes havia dito. O encorajamento que Jesus pretendeu passar àqueles seguidores através dessa ilustração também tem para nós um forte valor instrutivo.

1. *A parábola ilustrou o propósito das palavras de Jesus.* Ele estava dizendo, com efeito: “Não se esqueçam do propósito do discurso que acabei de proferir. Eu lhes dei sinais para guiá-los na hora da tragédia que em breve afetará suas vidas”.

Aqueles discípulos em breve presenciariam a queda e teriam o destino de suas vidas em suas próprias mãos. A reação deles às palavras de Jesus – se as seguiriam ou não – faria toda a diferença para como se sairiam quando a destruição viesse.

Podemos dizer o mesmo a respeito da nossa reação às palavras de Jesus? Os ensinamentos de Jesus são mais do que moralismos ou frases habilmente formuladas. São instruções sobre como viver neste mundo e receber a vida eterna no mundo vindouro. Jesus não planejou que Seus discípulos fossem ignorantes a respeito da Sua volta. Ele queria que estivessemos preparados para a hora da Sua volta, ainda que ela ocorra repentinamente.

2. *Jesus queria que Seus discípulos se lembrassem do poder de Suas palavras.* Na parábola da figueira, Ele observou: “Quando já os seus ramos se renovam, e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão” (13:28b). Jesus usou esse indicador da chegada do verão para ilustrar a aproximação da destruição de Jerusalém. Quando os Seus ouvintes vissem os sinais que Ele descrevera, saberiam que a destruição de Jerusalém estava próxima.

No calendário de eventos comuns da natureza há indicadores de cada estação do ano. O verdejar das árvores é um sinal claro da aproximação do verão. Da mesma forma, os discípulos de Jesus deveriam prestar atenção aos sinais dos tempos para identificarem a aproximação de eventos espirituais.

Jesus disse: “Assim, também vós: quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que está próximo, às portas” (13:29). Ele estava dizendo: “[Quando virem os sinais], ‘saberão que o verão está próximo’” (grifo nosso). Os discípulos tinham certeza de que essas admoestações de Jesus não falhariam. As palavras do Mestre eram revestidas de grande poder preditivo.

As palavras de Jesus para nós, hoje, ainda contêm a veracidade da verdade eterna. Ele disse: “O espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveitada; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida” (João 6:63). Ele reforçou a essencialidade de obedecer às Suas palavras: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus” (Mateus 7:21). Jesus trouxe as palavras do Pai, palavras que não devem ser ignoradas.

3. *Jesus estava lembrando Seus discípulos da permanência de Suas palavras.* Ele disse: “Em verdade vos digo que não passará esta geração sem que tudo isto aconteça. Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão” (13:30, 31).

Segundo Jesus, a queda do templo aconteceria antes que a geração existente morresse. Essas declarações foram feitas em 33 d.C., e a destruição do templo ocorreu em 70 d.C. A profecia de Jesus cumpriu-se exatamente como Ele predisse. “Todas essas coisas” (ταῦτα πάντα, *tauta panta*) deve significar que as coisas anteriormente mencionadas no capítulo (com exceção das profecias em 13:24–27) se cumpririam antes que aqueles ouvintes de Jesus morressem.

Jesus insistiu que Suas palavras são infalíveis (veja Mateus 23:36; 24:2, 3, 34). Ele disse: “Em verdade vos digo que todas estas coisas hão de vir sobre a presente geração” (Mateus 23:36). Em relação ao templo, Ele disse: “Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada” (Marcos 13:2b). A veracidade e a fidelidade de Jesus durarão mais que a existência dos céus e da terra.

Conclusão: As palavras de Jesus são a verdade mais confiável do mundo. São cheias de propósito e poder e são as mais duradouras.

Neste mundo de incertezas, todos ansiamos por algo digno de confiança. Queremos ter confiança no que é verdadeiro, no que resistirá à prova do tempo e da integridade. Jesus nos trouxe essas palavras.

Por exemplo, onde estaremos daqui a mil anos? Teremos deixado de existir? Nosso Salvador responde que “não”. Ele nos trouxe a vida eterna. Fomos projetados para viver para sempre. O único que pode falar com autoridade sobre esse assunto é Aquele que tem palavras eternas. Ele procede do Pai eterno, e Suas palavras vêm do Pai, palavras pelas quais podemos viver hoje e sempre.

Jesus é nosso verdadeiro e único Salvador. Ele é o caminho, a verdade e a vida; ninguém vai ao Pai senão por Ele (João 14:6). Os primeiros discí-

pulos tiveram que admitir essa verdade; e nós, através dos Relatos do Evangelho, nós também precisamos entender essa verdade.

A Ordem para Estarmos Prontos (13:32–37)

No discurso no monte das Oliveiras, Jesus mencionou três tipos de sinais. Ele, o Cristo da preparação, informou a Seus discípulos quais seriam os sinais que os preparariam para o que aconteceria em relação à queda de Jerusalém. Jesus mencionou também os sinais “próximos”, visando orientá-los sobre a necessidade de saírem da cidade imediatamente. Esses sinais “próximos” pediriam uma ação urgente.

Esta passagem, 13:32–37, é a segunda parte principal do discurso, embora seja muito mais curta que a primeira parte. Nesta seção, Jesus respondeu ao segundo elemento da pergunta dos apóstolos, que envolvia Sua volta no fim dos tempos.

Em relação à Sua volta, Jesus não citou sinais para alertar o povo. Ele disse que o dia e a hora só o Pai sabia (13:32). O próprio Jesus admitiu ter um conhecimento limitado, dizendo que não sabia o tempo do fim. Talvez Sua vida terrena envolvesse sujeitar-se a um conhecimento limitado enquanto estivesse aqui (veja Filipenses 2:5–11). Sendo assim, naquela ocasião, nem Ele nem os anjos sabiam o tempo do fim.

A volta de Jesus, então, é ao mesmo tempo certa e incerta. Ele disse: “Voltarei” (João 14:3); nesse sentido, ela é uma certeza. No entanto, Ele também disse: “Mas a respeito daquele dia ou da hora ninguém sabe” (Marcos 13:32a). Portanto, no sentido cronológico, a data da volta de Jesus é indeterminada. Por causa desse aspecto indefinido, Jesus ordenou que Seus discípulos vivessem constantemente prontos.

1. *Eles foram instruídos a viver em prontidão “vigilando”.* Jesus disse: “Estai de sobreaviso, vigiai [e orai]; porque não sabeis quando será o tempo” (13:33). Conforme o registro de Mateus 24:42, Jesus disse: “Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia vem o vosso Senhor”. É essencial ouvirmos o Senhor do tempo, prestarmos atenção ao alerta que Ele nos faz e vivermos como servos preparados.

Paulo, Pedro e João compararam a volta inesperada de Jesus com a chegada de um ladrão (1 Tessalonicenses 5:2; 2 Pedro 3:10; Apocalipse 3:3; 16:15). O próprio Jesus disse: “Mas considerai isto: se o pai de família soubesse a que hora viria o ladrão, vigiaria e não deixaria que fosse arrombada a

sua casa” (Mateus 24:43). A ênfase aqui está em vigiar. Invadir uma casa feita de barro era fácil para um ladrão; ele podia abrir um buraco na parede. Assim como um ladrão que invade uma casa frágil como as daquele tempo, Jesus virá inesperada, repentina e subitamente.

2. *Eles foram instruídos a viver em prontidão “tendo um propósito”*. Jesus disse: “É como um homem que, ausentando-se do país, deixa a sua casa, dá autoridade aos seus servos, a cada um a sua obrigação, e ao porteiro ordena que vigie” (Marcos 13:34). O servo que não sabe quando seu senhor vai voltar, tendo assumido um compromisso com ele, deve estar preparado a todo instante. O propósito do servo é estar pronto para a volta do seu senhor, não importa quando ela acontecer. Jesus disse:

Vigiai, pois, porque não sabeis quando virá o dono da casa: se à tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã; para que, vindo ele inesperadamente, não vos ache dormindo. O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai! (13:35–37).

O fim dos tempos será como “os dias de Noé”, quando caiu o dilúvio. A vida humana seguia seu curso habitual, as pessoas realizavam suas atividades normais (1 Pedro 3:20; veja Gênesis 6; Hebreus 11:7). Daí, inesperadamente, o dilúvio interrompeu as atividades de todo mundo; foram pegos despreparados (veja Lucas 17:26, 27). A vinda do Filho do Homem será igualmente um evento inesperado. O erro dos contemporâneos de Noé não foi executarem as atividades corriqueiras, pois essas atividades faziam parte da vida normal. O erro deles foi ignorar o que aconteceria e estar despreparados para o encontro com Deus. Apesar da pregação de Noé (veja 2 Pedro 2:5), o povo continuou a viver sem pensar no dilúvio que se aproximava. Não tiveram como propósito prepararam-se para o fim.

O relato de Mateus contém esta descrição narrada por Jesus: “Então, dois estarão no campo, um será tomado, e deixado o outro; duas estarão trabalhando num moinho, uma será tomada, e deixada a outra” (Mateus 24:40, 41). O trabalho diário de homens e mulheres é retratado nessas duas ilustrações. Um trabalhador será levado – isto é, um estará pronto para ir para o céu com Cristo – e o outro não estará pronto. Alguns estarão vigiando, e outros estarão despreparados para a Sua vinda. Algumas mulheres estarão preparadas, e outras não; alguns homens estarão preparados e outros não.

3. *Eles foram instruídos a viver em prontidão “sendo fiéis”*. Segundo o relato de Mateus, Jesus usou

uma parábola enfatizando a fidelidade que Ele espera de Seus servos:

Quem é, pois, o servo fiel e prudente, a quem o senhor confiou os seus conservos para dar-lhes o sustento a seu tempo? Bem-aventurado aquele servo a quem seu senhor, quando vier, achar fazendo assim. Em verdade vos digo que lhe confiará todos os seus bens. Mas, se aquele servo, sendo mau, disser consigo mesmo: Meu senhor demora-se, e passar a espancar os seus companheiros e a comer e beber com ébrios, virá o senhor daquele servo em dia em que não o espera e em hora que não sabe e castigá-lo-á, lançando-lhe a sorte com os hipócritas; ali haverá choro e ranger de dentes (Mateus 24:45–51).

Cada servo do Senhor sabe que há trabalho a ser feito durante a espera. Aquele que cumprir suas tarefas fielmente será recompensado com um lugar superior de responsabilidade.

O servo perverso da ilustração – aquele que era cético em relação à volta do seu senhor (veja 2 Pedro 3:4) e abusou de sua posição – foi encontrado despreparado. Ele experimentou a terrível consequência de ser retirado de sua posição.

O servo despreparado foi lançado para fora, nas trevas, onde todos choravam e rangiam os dentes. A rejeição de seu mestre a ele traria dor e tristeza amargas. Essas declarações ocorrem sete vezes nos Relatos do Evangelho⁷⁷ descrevendo o grande sofrimento e castigo eterno.

Conclusão: Jesus ensina que devemos estar sempre prontos para a Sua vinda. Ele nos ensinou que voltará, que não sabemos quando Ele virá e que devemos estar sempre à Sua espera.

É verdade que os primeiros cristãos esperavam que Jesus voltasse quase imediatamente, mas estavam errados? Num sentido estavam, como no caso de alguns discípulos de Tessalônica (2 Tessalonicenses 2); mas em geral, eles estavam vigiando fielmente sem saber quando exatamente Jesus voltaria. Acreditavam que Jesus voltaria em algum momento e se preparavam para esse momento.

Devemos viver em estado de prontidão vigiando, tendo um propósito e sendo fiéis. Vigiamos quando vivemos cada dia como se fosse o último; temos um propósito quando escolhemos viver cada dia como se fosse o dia em que Jesus está voltando e manifestamos fidelidade quando vivemos em prontidão para, a qualquer momento, prestar contas de nossos atos.

⁷⁷ Veja Mateus 8:12; 13:42, 50; 22:13; 24:51; 25:30; Lucas 13:28.